

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL

MISMA TURI RONDON MAMEDES

EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR INDÍGENA TERENA: O PENSAR E O FAZER
RETRATADO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA
TERENA KOMOMOYEA KOVOERO

BARRA DO BUGRES-MT

2025

MISMA TURI RONDON MAMDEDES

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL POIPULAR INDÍGENA TERENA: O PENSAR E O
FAZER RETRATADO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL
INDÍGENA TERENA KOMOMOYEA KOVOERO**

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa
de Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*
em Ensino em Contexto Indígena Intercultural
da Universidade do Estado de Mato Grosso,
para obtenção do título de Mestre em Ensino.
Orientadora: Profa. Dra. Waldinéia Antunes de
Alcântara Ferreira

BARRA DO BUGRES – MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

M264e Mamedes, Misma Turi Rondon.

Educação ambiental popular indígena Terena: o pensar e o fazer retratado nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovoero / Misma Turi Rondon Mamedes. - Barra do Bugres, 2025.

127 f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientadora: Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

1. Educação Escolar Indígena. 2. Saberes Indígenas. 3. Educação Ambiental. I. Ferreira, Waldinéia Antunes de Alcântara. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 376

MISMA TURI RONDON MAMEDES

“EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR INDÍGENA TERENA: O PENSAR E O FAZER RETRATADO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TERENA KOMOMOYEA KOVOERO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour”* – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em: 14 de fevereiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA**
Data: 18/02/2025 11:15:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira
UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ROSANE DUARTE ROSA SELUCHINESK**
Data: 17/02/2025 10:23:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk
UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 **VILMAR ALVES PEREIRA**
Data: 18/02/2025 10:13:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira
UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso
Examinador Externo ao Programa

Documento assinado digitalmente
 **EVELIN TATIANE DA SILVA PEREIRA**
Data: 18/02/2025 11:01:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Evelin Tatiane da Silva Pereira
SEDUC – MS- Secretaria de Estado de Educação
Examinadora Externa ao Programa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao povo Terena de Mato Grosso e *In Memoriam* ao meu saudoso pai Cacique Rondon, que iniciou a luta de força e resistência do povo Terena do Norte de Mato Grosso. Quando em vida sempre nos incentivou ao estudo, e com os incentivos e motivação pela luta por ele travada, consegui forças para finalizar este trabalho, pois sempre foi e será minha fonte de inspiração. Dedico ainda em especial à minha mãe que me gerou e sempre em suas orações fez preces para que tivesse sucesso no meu projeto de pesquisa. À Escola Estadual Indígena De *Komomoyea Kovôero* por ter me acolhido e aberto as portas para que esta pesquisa fosse realizada. Com muito carinho, dedico aos meus alunos/alunas que contribuíram com este trabalho. Minha amada e querida orientadora Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira que teve muita paciência e dedicação nas correções que enviava. Enfim, a todos que torceram e me incentivaram para a realização deste sonho que parecia impossível, mas acredito fielmente em Deus que tudo é possível quando temos sonhos, e os sonhos são possíveis. Meu coração se enche de alegria ao saber que as pessoas que amamos estão ao nosso lado, Rosenildo, meu marido e companheiro de luta e amigo nas horas boas e ruins, minha querida filha Maria Eduarda, meu filho Júnior que sempre torceu por mim, minha netinhas Indianara e Rhay Vitória, pessoas que me abraçaram e estiveram comigo nesta jornada, meus irmãos, amigos e colegas, professores e a todos da comunidade que me proporcionaram diálogos reflexivos para que pudesse compreender a importância dos conhecimentos tradicionais de nosso povo. Minha querida irmã que sempre me aconselhou nos momentos de tristeza, às vezes angústias, sempre me motivando ao estudo quando ficávamos horas conversando e compartilhando conhecimentos que estavam sendo escritos neste relatório de pesquisa. Quero dedicar também este trabalho à coordenadora Cícera da Silva Chagas, que dispôs do seu tempo para selecionar livros sobre educação ambiental, os quais foram muito válidos para meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao criador do universo, Deus, pela vida, pela sabedoria e pela inteligência, pois sem ele nada seria possível. Ao povo Terena de Mato Grosso, em especial, à Aldeia Kuxonety Poke'e, onde este trabalho foi realizado com esforço e dedicação. À escola, aos alunos(as) e à comunidade, sem a escola e comunidade este trabalho não seria possível.

Gratidão ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Em Ensino Em Contexto Indígena Intercultural - Mestrado Profissional (PPGECII), que me proporcionou bons momentos de aprendizado. Meu agradecimento especial à minha orientadora Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, por ter me acompanhado em cada passo do projeto e foram inúmeros encontros virtuais, e em cada um deles uma sugestão para a melhoria do trabalho.

À minha família que esteve sempre ao meu lado e minha querida filha Maria Eduarda que ficava comigo nas noites em que eu ficava escrevendo o meu trabalho, foram muitas noites de dedicação e companheirismo da minha pequena filha.

Minha imensa gratidão ao meu irmão caçula professor Mestre Micael que, pelo incentivo de suas palavras, me fez ver o quanto a educação indígena é importante para o fortalecimento do nosso povo. Ainda que as invisibilidades dos sistemas educacionais e da sociedade não respeitam os nossos direitos, estamos buscando autonomia e uma escola específica e diferenciada. São desafios a serem superados da nossa educação escolar indígena, mas se tem avançado muito. As lutas sempre existiram, devemos prosseguir avante no caminho da educação com a força e resistência em cada um de nós.

Meu eterno agradecimento ao Povo Terena de Mato Grosso e os que fizeram parte desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho é sobre a Educação Ambiental Terena, o pensar e fazer retratado nas práticas pedagógicas da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovoero, na aldeia Kuxonety Poke'e, Terra Indígena Iriri Novo. Teve como objetivo compreender os conhecimentos e as práticas culturais do povo Terena que dialogam com a Educação Ambiental, considerando a realidade e os problemas dentro do território para o desenvolvimento de práticas pedagógicas junto aos alunos/as e a própria comunidade indígena sobre a importância da relação ser-humano/natureza. É importante mencionar que a escola, os anciãos e as famílias contribuíram muito com a realização da pesquisa, uma pesquisa qualitativa, com aulas de campo junto com os alunos/as do 4º e 5º ano, compreendemos que existe a necessidade da contribuição do ser humano com os cuidados com a natureza, um comprometimento com o Bem Viver, e compromisso com a vida e todos os seres vivos e para com cada um de nós seres viventes neste planeta. O estudo demonstrou a importância da educação ambiental popular indígena dentro da perspectiva da sustentabilidade, considerando a nossa cosmovisão, costumes, tradições, conhecimentos e espiritualidade Terena. Também evidenciou que a educação escolar indígena pode desenvolver um trabalho de ensino significativo nas orientações da interculturalidade em educação ambiental própria do Terena.

Palavras-Chave: Educação Escolar Indígena; Saberes Indígenas; Educação Ambiental.

ABSTRACT

This work is about indigenous education and environmental education, the thinking and doing portrayed in the pedagogical practices of the Terena Komomoyea Kovoero Indigenous State School, in the Kuxonety Poke'e village, Iriri Novo Indigenous Land. It aimed to understand the knowledge and cultural practices of the Terena people who dialogue with Environmental Education considering the reality and problems within the territory for the development of pedagogical practices with students and the indigenous community itself about the importance of the relationship between human/nature. It is important to mention that the school, elders and families contributed a lot to the research, a qualitative research, with field classes together with 4th and 5th year students, we understand that there is a need for human contribution with care for nature, a commitment to Good Living, and a commitment to life and all living beings and to each of us living beings on this planet. The study demonstrated the importance of indigenous popular environmental education within the perspective of sustainability, considering our cosmovision, customs, traditions, knowledge and Terena spirituality, it also showed that indigenous school education can develop significant teaching work in the guidelines of interculturality in education Terena's own environmental environment.

Keywords: Indigenous School Education; Indigenous Knowledge; Environmental Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pai, mãe e filha Misma	14
Figura 2 - Momento da colação de Grau: Formatura de Licenciatura em Pedagogia Intercultural	23
Figura 3 - Momento de protesto do Jovem Cacique Rondon.....	24
Figura 4 - Preparado para reivindicação dos direitos do povo	25
Figura 5 - Famílias Terena após reunião com a FUNAI em Rondonópolis-MT.....	30
Figura 6 - Localização da aldeia <i>Turipuku</i> no Território.....	31
Figura 7 - Localização no Território da aldeia <i>Inamaty</i>	32
Figura 8 - Localização no Território da aldeia <i>Kuxonety</i>	32
Figura 9 - Confeção dos trajes tradicionais	34
Figura 10 - Mapa do Território Terena Gleba Irii.....	35
Figura 11 - Árvore do buriti e o processo de confecção da saia masculina	42
Figura 12 - Saia masculina e guerreiros Terena na Semana Cultural.....	42
Figura 13 - Imagem mostra a exploração de madeira ilegal na reserva Indígena Irii Novo ...	50
Figura 14 - Uso do trator para preparação do solo	54
Figura 15 - Momento do plantio de mandioca.	55
Figura 16 - Roça de quiabo e mandioca.	56
Figura 17 - Escola Estadual Indígena <i>Komomoyea Kovôero</i>	59
Figura 18 - Apresentação de dramatização.....	62
Figura 19 - Crianças da escola apresentação sobre impactos ambientais.....	63
Figura 20 - Ancião com sua sabedoria e alunos plantando	64
Figura 21 - A importância da água e a nascente do rio	66
Figura 22 - Mostra árvores nativas. Desmatamento exploração de madeira no território.....	69
Figura 23 - Estrada que dá destino a roça do ancião	71
Figura 24 - Momento da observação	72
Figura 25 - Momento da atividade de desenho de mapas.....	73
Figura 26 - Produção dos desenhos	77

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: REFLEXÕES PARA O ENSINO E A PESQUISA.....	14
2.1 Vivências da pesquisadora: Minhas memórias.....	14
2.2 Aldeia Córrego do Meio MS até a aldeia <i>kopenoty</i> MT: Escolarização e o início docente.....	19
2.3 A Caminhada acadêmica	21
2.4 Resiliência, coragem e persistência	24
3. HISTÓRIA DO POVO TERENA E OS MOVIMENTOS DA PESQUISA.....	29
3.1 Povo Terena em Mato Grosso: Contextualização e resistências	29
3.2 Aspectos metodológicos e colaboradores da pesquisa	35
4. CONTRADIÇÕES: IMPACTOS NO TERRITÓRIO E RELAÇÕES DOS SABERES TERENA COM A EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	39
4.1 Memórias da origem, Saberes Terena e o Bem Viver	39
4.2 Outras terras, outras paisagens, outras formas de viver: Conflitos, negociações e contradições em busca da defesa do Território	46
5. EDUCAÇÃO AMBIENTAL INDIGENA TERENA, CUIDADOS COM O TERRITÓRIO E INTERCULTURALIDADE.....	58
5.1 Apresentando a Escola, Memórias na construção de um currículo de EA.....	58
5.2 Contribuições da escola e do povo Terena para a Educação Ambiental dentro do território e a construção do produto educacional.....	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	86

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem produzido sobre educação indígena e educação escolar indígena nas últimas décadas, seja no sentido de retratar as práticas pedagógicas, seja no sentido de criticar as formas de implantação dessa modalidade e também sobre nossa cultura e forma de viver. Sobre a implantação da educação escolarizada está ancorada a ideia de que os povos indígenas precisam de uma escola diferenciada, intercultural e específica para atender a própria e as diversas culturas presentes no Brasil. Esta atenção passou a ser dada logo após a promulgação da Constituição Federal em 1988 e fortalecida no âmbito educacional pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB (1996), no artigo 32, que destaca que a Educação Indígena deverá assegurar a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Ao mencionar processos próprios de aprendizagem, inclui-se a ideia de um jeito próprio de se trabalhar também o Bem Viver na Educação Ambiental Terena.

Deste modo, a pesquisa foi realizada na Escola Estadual Indígena Terena *Komomoyea Kovôero*, na aldeia *Kuxonety Poke'e*, Terra Indígena Iriri Novo, aproximadamente a 210 quilômetros da cidade de Matupá. Procuramos fazer uma articulação entre a educação escolar indígena e a educação ambiental Terena. Consideramos que a escola é um ambiente propício para se tratar da educação ambiental, ela pode protagonizar contribuindo com este assunto tão contemporâneo no qual nós, povos indígenas, assumimos o papel importante na conservação do meio ambiente.

A pesquisa nasce de inquietações acerca de alguns problemas ambientais que estamos vivenciando em nosso território e, como professora da escola, alguns questionamentos passaram a ser refletidos por mim, ou seja, a inquietação se tornou subjetiva e interpessoal. Me pergunto: Como a escola pode trabalhar a questão ambiental pensando no nosso território? O que a comunidade está fazendo para a conservação do meio ambiente em que vivemos? Qual é a relação do Povo Terena com o meio ambiente? Quais ensinamentos da cultura Terena são contados/trabalhados com os/as alunos/alunas sobre os cuidados com a natureza? Como a educação ambiental se conecta com os hábitos e modos de vida do povo Terena? Muitos questionamentos surgem, entretanto não temos todas as respostas, mas alguns apontamentos diante da pesquisa.

Os questionamentos acima descritos são possíveis a partir dos lugares que ocupo no território, como Terena vivendo na aldeia e como professora dos estudantes do 4º e 5º ano, uma

sala de aula multi, em colaboração com estudantes do 7º ano, colaboradores da pesquisa. Os estudantes do 7º ano estiveram presentes em uma atividade programada para realizar a pesquisa. As inquietações que trago acompanham a minha vivência dentro da comunidade e também dentro da escola.

Atualmente, a comunidade enfrenta grandes impactos ambientais no território, situação que justifica tratar desse assunto que engloba não somente a nossa aldeia Indígena Iriri novo, mas possibilitam que a sociedade possa também ter a sensibilização dos cuidados com a natureza. Assim, o objetivo geral é compreender os conhecimentos e as práticas culturais do povo Terena que dialoga com a Educação Ambiental, considerando a realidade e os problemas dentro do território para o desenvolvimento de práticas pedagógicas junto aos alunos e a própria comunidade indígena sobre a importância da relação ser-humano/natureza.

Como objetivos específicos, propusemos identificar as práticas e os conhecimentos e saberes sobre educação ambiental do povo Terena; sensibilizar os/as alunos/as e a comunidade indígena sobre a importância da relação ser humano/natureza, refletindo sobre os problemas ambientais enfrentados na comunidade; desenvolver em sala de aula práticas pedagógicas que fortaleçam os saberes do povo Terena sobre as relações dentro da perspectiva de uma comunidade-aldeia-sustentável e de conservação do meio ambiente; e produzir alternativas de projetos autossustentáveis para o povo Terena considerando os problemas ambientais vivenciados na comunidade.

A pesquisa faz parte da construção de uma Educação Ambiental (EA) dentro da aldeia, mas sabemos que a EA tem raízes históricas e, como formação e exercício de cidadania, refere-se a uma nova forma de encarar a relação do ser humano com a natureza (Jacobi, 2003). Essa forma de olhar a natureza está ancorada na Lei 9795/99 que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental e traz consigo diretrizes e instrumentos que visam à melhoria e o controle sobre os impactos do processo produtivo do meio ambiente, através construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades e atitudes. Na formação de uma Educação Ambiental Terena está um exercício de cuidado com o povo Terena, com o território, com as relações de sobrevivência e de vivências, com atitudes que envolvam a autossustentabilidade, a cosmologia e a espiritualidade.

Compreender a EA pode ser o entendimento de uma prática da liberdade, que permite ao ser humano conscientizar-se de sua existência no mundo e de sua historicidade no processo

de constituição social (e de sua própria constituição como sujeito), como diz Paulo Freire (1967) quando sinaliza que a relação com a natureza precisa ser cuidada, fazendo parte da própria formação dos sujeitos.

A teórica Carvalho (2004) contribui com o entendimento de que a EA permite uma formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e agir de uma forma crítica, uma mediação importante na construção social e uma prática política – pedagógica portadora de uma nova sensibilidade e postura ética.

Assim, a Educação Ambiental é vivência de cuidados com o território e o povo Terena e, ao mesmo tempo, uma prática pedagógica. Segundo Paulo Freire (2020), a prática pedagógica exige pesquisa, respeito e criticidade. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensinar, é o que autor denomina de “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, o saber pela experiência e o respeito à capacidade criadora do educando. Nesse sentido, a pesquisa aqui desenvolvida faz parte de uma prática pedagógica de Educação Ambiental Terena.

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena contribuem ao abordar os conhecimentos necessários para o desenvolvimento econômico, social e cultural, trazendo estratégias para o *Bem Viver* indígena. E o *Bem Viver* é parte constitutiva da Educação Ambiental Terena.

Realizar pesquisa sobre EA e os nossos Saberes Tradicionais no nosso contexto Terena é fazer educação diferenciada e específica na busca do cuidado com o território, a partir da própria organização indígena. Dentro desse cenário, Baniwa (2019) observa que, depois da eleição de Lula em 2002, lideranças indígenas passaram a atuar em alguns espaços governamentais, entre eles o meio ambiente, a crença de que com a participação de indígena se daria maior atenção aos direitos e demandas necessárias, como as questões relacionadas ao território e meio ambiente, porém não se concretizou como se esperava. Espera-se, na atualidade, uma outra forma de relação com o estado brasileiro.

Comprendemos que todos temos responsabilidade com o ambiente, com o planeta, os indígenas e os não indígenas também, portanto, este trabalho refere-se à preocupação e práticas pedagógicas em EA do povo Terena dentro do nosso território Iriri Novo.

Pode-se afirmar que a educação ambiental e a educação tradicional estão em um só contexto, não há separação, estão juntas. Entendemos que a educação ambiental indígena é também uma educação ambiental popular, nesse processo educacional, ela visa desenvolver as habilidades, os conhecimentos e valores para proteger e conservar o meio ambiente e a cultura. A Educação Ambiental Popular (EAP) tem um processo educacional que visa estabelecer com as comunidades a conscientização e mobilização para a proteção da vida, do meio ambiente, e construir relações por meio da participação inclusiva das pessoas. O foco está nas questões locais e globais ao promover programas de reciclagem, educação sobre mudanças climáticas, proteção e conservação das áreas que foram afetadas por ações humanas.

Na educação ambiental tradicional, o processo educacional está baseado nas práticas, conhecimentos e valores das comunidades tradicionais indígenas para gerenciar os recursos naturais e está fortemente ligada a cultura e território específicos. Estão relacionados aos conhecimentos sobre a educação ambiental popular e a educação ambiental indígena que não estão dissociados estão na mesma junção. Na Educação Ambiental Indígena (EAI), o objetivo é preservar os conhecimentos tradicionais, fortalecer a identidade cultural, prover o diálogo e a prática intercultural. Faz parte de um aprendizado coletivo e promove o respeito à cosmologia e à espiritualidade.

A EAP é realizada por diferentes grupos e pode estar institucionalizada ou não, e a EAI apesar de se aproximar da educação ambiental popular, é fortemente comunitária, trabalhada coletivamente com a participação dos líderes locais, envolve todos da aldeia, e o diálogo e as decisões sempre buscam melhorar a vivência de todos que habitam o lugar. Ambas visam a participação comunitária na perspectiva da sustentabilidade e valorizam a diversidade cultural e biológica, reconhecendo a valorização tradicional de cada comunidade.

A educação ambiental indígena popular Terena assume a perspectiva do princípio da resistência e valentia, pois os valores da ancestralidade têm uma grande influência na organização da vida, nas ações da escola e em outros espaços. Ela procura proteger o território e a vida do povo com um olhar decolonial, busca desmitificar a colonialidade imposta pela sociedade numa estrutura de poder baseado na dominação racial, cultural e econômica.

2. EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: REFLEXÕES PARA O ENSINO E A PESQUISA

Neste estudo também têm lugar minhas memórias do ensino, da minha formação acadêmica e profissional porque entrelaçam o jeito de ver o mundo e o ensino do qual eu frequentei e hoje faço como docente. Também trago minhas memórias familiares (Figura 1) porque fazem parte da minha constituição, de quem hoje sou.

2.1 Vivências da pesquisadora: Minhas memórias

Figura 1 - Pai, mãe e filha Misma



Fonte: Acervo da autora (1986).

Uma trajetória que se inicia desde o meu nascimento.

Meu nome é Misma Turi Rondon Mamedes, tenho 38 anos, nasci no dia 12 de novembro do ano de 1985, moro na aldeia *Kuxonety Poke'e* (Terra Esperada), no município de Matupá no Estado de Mato Grosso. Sou formada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural e leciono atualmente na Escola Estadual Indígena *Komomoyea Kovoero* para turmas do 4º e 5º ano. Sou mestranda no Programa de Pós-Graduação *Scripto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Sou filha de Brasiliana Clementino Rondon e Milton Jorge Turi Rondon, a minha mãe é originária do povo Terena e o meu saudoso pai, Mestiço da Etnia Tapirapé e Terena, era conhecido como Cacique Rondon. Meus avós paternos, Catarina Jorge da etnia Terena e Hélio Turi Rondon da etnia Tapirapé. Meus avós maternos, Olinda Alcântara e Bernabé Clementino ambos da etnia Terena.

Minha infância foi incrível e cheia de medos, desafios e dificuldades financeiras na família. Sou de uma família evangélica e todos os meus ensinamentos foram conforme a

religião de meus pais, nasci em berço evangélico, tudo que aprendi no laço familiar guardo comigo até hoje, os valores, o respeito e, acima de tudo, a crença em Deus.

Iniciei meus estudos em escola não indígena, no município de Rondonópolis, na Escola Municipal Rosalino Antônio da Silva. Nesta escola, aprendi a escrever o meu primeiro nome e, consequentemente, a ler e escrever. Vivi momentos significativos nesse período, mas me sentia frágil, pois muitas vezes sofri preconceitos e nem sempre sabia como enfrentá-los; ao mesmo tempo, fui guerreira porque nunca desisti, era o início de uma luta em uma escola racista por ser uma aluna indígena estudando numa escola do não indígena. Como eu era criança não importava e nem sabia o que era o preconceito que vivenciava na escola.

Eu não tive o privilégio de ser alfabetizada pelo meu pai, minha irmã foi alfabetizada por ele, ela entrou na escola sabendo todo o alfabeto e sílabas. Por ser a filha caçula, meu pai era muito protetor e não exigia muito de mim, pois deixava todas as responsabilidades do meu ensino para a professora.

Lembro quando entrei pela primeira vez na escola, tudo era novidade, no mundo tão grande, num universo desconhecido, não tinha nem noção como seria dentro da escola, se iria ter bons colegas, se iria ter uma professora legal, tudo muito estranho no meio de tantos/as alunos/as diferentes e pessoas diferentes com quem não estava habituada a conviver. Estava acostumada a estar sempre perto da minha mãe, do meu pai e irmãos.

No primeiro dia de aula estava ansiosa, os meus caderninhos arrumados que minha mãe tinha comprado, meus cabelos eram longos por causa da minha religião cristã. Acredito que a religião me deixou longe da cultura porque parte da minha infância estava voltada ao evangelho, não praticava a minha cultura, nem mesmo a língua materna de meu povo, mesmo assim, os meus cabelos tinham uma característica forte do meu povo, longos cabelos pretos e lisos que estavam com tranças muito bem penteadas e com lacinhos para entrar em mundo desconhecido do mundo não indígena.

Às 13:00 horas o portão se fechou e todos os estudantes da 1ª e 8ª série se reuniram no pátio da escola e se posicionaram em filas por série. O Diretor Iurim (não recordo o sobrenome) foi chamando por série e falando os números das salas e o nome da professora em que cada criança ficaria.

Os meus irmãos Mateus (o mais velho), Messias (o do meio), Micael (o caçula dos homens) e minha irmã Miria e eu também estavam em filas conforme as nossas séries. Mesmo assim, eu estava muito ansiosa por ver muitos alunos e professores num mesmo ambiente, meu coração acelerado por ver multidões de pessoas, me senti como “peixe fora d’água”. Por conta dos sentimentos que me envolviam não consegui ouvir a chamada do Diretor e, assim, me perdi da professora e da minha sala. Quando chamou a turma do meu irmão Messias, rapidamente corri atrás da fila dele e o segui até sua sala. Entrei e sentei atrás dele, mas a professora chegou e perguntou a ele o que eu estava fazendo na sala. Muito atenciosa e delicada pediu para o meu irmão me levar para a minha sala. Foram dois dias nessa situação, não conseguia localizar a sala, pois a escola era muito grande, os quarteirões iguais, eu ficava confusa sem saber onde estudava.

Me recordo, no início da minha alfabetização, que a professora não tinha muito afeto e nem atenção para conosco, quando se tratava de um indígena e uma aluna afro-brasileira, percebia que sempre nos deixava de lado e não nos atendia quando não sabíamos algo dos conteúdos, eu e minha coleguinha sempre éramos deixadas de lado. Era como se nós não pertencêssemos àquela sala e quando algo sumia da sala, como lápis ou borracha, éramos sempre as primeiras a serem revistadas, ela parecia sempre querer nos ferir e colocar de castigo. Me sentia triste por nos expor daquela maneira, sempre éramos o alvo das coisas ruins e para ela as pessoas ruins, tanto que quando acontecia isso, ela não revistava as mochilas dos outros coleguinhos, apenas as nossas. Hoje tenho a compreensão de que a professora agia de maneira preconceituosa e racista.

Um momento bom em minha memória era a hora da merenda, um momento que guardo em minha memória, é o sabor e o gosto do cheiro verde na sopa, as merendeiras levavam a nossa merenda em bandeja nas salas, era servido em cumбуquinha; depois saíamos para o recreio e esse momento era maravilhoso, estávamos entre crianças.

Hoje, as lembranças se embaralham em minha cabeça e muitas me fazem me sentir triste. Compreendo que não havia compreensão (na escola) de que o mundo é feito de diferentes povos e culturas e que não existe superioridade de um povo sobre o outro. Minha percepção atual é que aquela professora não estava preparada para lidar com alunos indígenas e afro-brasileiros porque a crença estava na inferioridade em relação a nossa cultura. Vivi esses acontecimentos e fui alvo de preconceito, e como criança não sabia me defender, pois eu era apenas uma criança no mundo do não indígena.

Essa experiência (de sofrimento) serviu na atualidade para o desenvolvimento da minha prática profissional, sou muito carinhosa com os/as alunos/as, explico que todos somos iguais como seres humanos, prestativa e atenciosa. E nessa reflexão podemos lembrar de Paulo Freire (1996), “A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”. Assim, lembro de uma professora que marcou a minha educação escolar.

Recordo que quando estava na 2ª série, estava com dificuldade na leitura de sílabas complexas, palavras e frases, por esse motivo fiquei de recuperação no final do ano. Minha irmã mais velha me levava na escola para fazer o reforço, pois ela e meus irmãos passaram de série. Foi uma semana de recuperação. Um dia que consegui ler o texto que a professora deixara para ler em casa, nesse momento que não consegui ler, por estar ansiosa e com a responsabilidade de ter em mãos a última chance de ser aprovada, era o último teste, fiquei bastante nervosa, além da pressão que meus pais depositaram em mim, a professora com sua voz autoritária e muito irritada fez uma crítica negativa à leitura que tinha feito. Aquilo me machucou muito!

Hoje, ainda ouço a fala da professora que soou no meu ouvido, uma fala brava com um tom de voz alterado disse exatamente isso, “Misma, você parece igual burro quando empaca, não há ninguém que tire você do lugar”. Fiquei triste e comecei a chorar e não consegui ler, o nervosismo tomou conta de mim e aquele dia a leitura não foi produtiva. Senti muita tristeza, fiquei sem ação e perdi o foco da leitura. Cabe nestes momentos de lembranças negativas da professora uma frase. “Aprende que, quando está com raiva, tem o direito de estar com raiva, mas não dá a você o direito de ser cruel.” (Shoffstall, 1971). As palavras me feriram e às vezes elas ferem mais do que uma agressão física. Cenas como essas que descrevo eram comuns de acontecer e são resultado de uma forma de pensar, a de que a professora era a única detentora do saber e podia ser cruel em suas ações. Segundo Bosi (1979) reafirma: A imagem – “lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábitos já se incorporou às práticas do dia – a – dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente” (p. 12).

Encaro minhas lembranças para fazer diferente, como fonte de inspiração contrária ao que vivi, assim, quando meus alunos estão com dificuldade para aprender um conteúdo, fico perto e procuro atendê-los. Procuro sempre ter um vínculo muito afetivo com a minha vida profissional, algo oposto de uma educação tradicional e preconceituosa.

Ao me lembrar dessas cenas agora revividas pela minha memória, penso que o comportamento da professora era preconceituoso e racista, mas também não estava preparada emocionalmente para diversidade intercultural, seu profissionalismo e a falta de ética não condiziam como uma verdadeira educadora, seus comportamentos nem deveriam existir. Eu era uma criança frágil, uma indígena estudando no mundo estranho, eu deveria ter sido acolhida e não ofendida com palavras preconceituosas.

Não devia me dizer que tinha pouca inteligência, que não aprendia, que era burra...A escola não estava preparada para abordar a interculturalidade e nem respeitar as diferenças. A forma da professora e da sociedade pensarem, a forma tradicional fez com que a docente agisse de tal maneira.

Como eu era criança não me importei com o que ela disse (hoje sei que me importei ou não estaria relembrando com dor essas experiências, me importei, mais superei) e, como guerreira, segui fazendo todas as leituras que ela me pedia. Quero dizer que reconheço o autoritarismo da professora, que não concordava e ainda não concordo com algumas atitudes, e é a primeira vez que escrevo sobre isso, mesmo com todos os acontecidos, eu gostava dela e não contei para minha mãe o que ela me disse. Assim, segui a semana fazendo reforço e no final fui aprovada por ela. Foi um momento de felicidade quando chegou o boletim para os meus pais.

Outra cena em minha memória é que na escola da minha infância, antes de começar a aula, a professora e os estudantes tinham que fazer a reza do pai nosso, era a regra da escola tradicional, todos ficavam em pé e a professora mandava todos rezarem independente da religião. Meus pais me ensinaram a ter o respeito a cada religião, assim seguia o ritmo em respeito à professora, mas na hora da reza eu ficava quietinha, pois não sabia porque na nossa religião aprendi a orar, na minha cabeça tinha que fazer uma oração, e seguíamos nesse ritmo o ano todo.

Me lembro que as disciplinas que mais despertavam o interesse eram as aulas de língua portuguesa e estudos sociais. A Língua portuguesa era que mais gostava, mas também era onde tinha dificuldade, a leitura era desafiadora, foram momentos de muita dedicação para poder aprender a ler, mas consegui. Nas ciências sociais, eu adorava as paisagens que tinha nos livros, rios, animais de várias espécies. Entre leituras e o conhecimento das paisagens fui aprendendo,

pois nasci indígena e a minha prioridade será sempre a natureza, o que nela existe, pois devemos ensinar e saber dar valor à vida humana e conservar as nossas riquezas naturais.

Na infância, vivi momentos importantes para minha formação como cidadã, que me auxiliam atualmente como profissional. As cenas descritas foram porque elas me incomodaram, percebo o quão valoroso é ter bons profissionais que passam pela vida dos discentes, os docentes podem deixar lembranças boas ou lembranças desagradáveis.

2.2 Aldeia Córrego do Meio MS até a aldeia *kopenoty* MT: Escolarização e o início docente

Minha escolarização iniciou em escola não indígena, mas com as mudanças ocorridas em minha vida, entre mudanças de lugar e de vida, fui me constituindo e me fortalecendo cada vez mais como Terena. Quando tinha oito anos, minha família mudou-se para o estado de Mato Grosso do Sul, na aldeia Córrego do Meio pertencente ao município de Sidrolândia, meus pais receberam a proposta de evangelizar, pois sua responsabilidade como missionário o exigia. A partir de então comecei a estudar na escola indígena, gostava muito do meu professor que era indígena, Samuel Dias, lugar tranquilo, pude ter vários coleguinhas, uma mudança muito positiva que meus pais fizeram foi morar na aldeia. Surge o primeiro contato com as práticas da nossa cultura, dança, artesanatos, pintura e cuidado com a natureza, as histórias dos mais velhos, todo o envolvimento de afeto entre a natureza e o ser humano, como citam os autores Zoia e Peripolli (2010):

Esta liberdade que é experimentada no período da infância permite às crianças indígenas uma melhor compreensão de seu mundo e também as habilitam para a partilha do social. Para compreender o modo como cada sociedade vive, é necessário compreender as condições geográficas, ambientais, culturais e, sobretudo, as relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos desta sociedade, cientes de que os processos de conhecimento, de ensino e aprendizagem e as concepções de mundo, são diversos e variam de uma etnia para a outra. Precisamos compreender estas relações para, a partir de então, esboçar quais serão os referenciais que nortearão nossa compreensão do universo infantil desta comunidade.

Apreendi muito com meu querido professor, um excelente profissional que nos proporcionou momentos de riquíssimos ensinamentos como professor e como um sábio da cultura Terena, além de ser muito cuidadoso e atencioso com todos os seus alunos. Recordo as datas comemorativas que eram propostas, como a semana indígena, uma alegria estar com as

minhas coleguinhas dançando a nossa dança Terena *Siputrena, Putu- Putu*¹, é uma data muito especial. Nesses momentos de celebração, lembramos dos nossos ancestrais, das coisas boas que aconteceram na aldeia, agradecemos pelas vidas dos guerreiros. Este foi o meu contato com a cultura Terena, fui uma indígena que viveu a maior parte da infância na cidade de Rondonópolis e não tive nesse período a vivência na aldeia, aprendi algumas das práticas da nossa cultura, ensinamentos e a valorização da cultura Terena.

Anos depois, mais uma mudança aconteceu quando minha mãe se mudou para o estado de Mato Grosso novamente, por intempérie da vida, meus pais vieram a separar. No ano de 2008, o ensino médio foi concluído no estado de Mato Grosso na aldeia *Kopenoty*, Distrito União do Norte, pertencente ao município de Peixoto de Azevedo. Ali, tive ótimos professores que me inspiraram a seguir a minha profissão de docente, sou grata por fazerem parte da caminhada de estudante, me sinto privilegiada e são inúmeros professores que me incentivaram a não desistir. A meta é e sempre será vencer qualquer obstáculo na vida, pois ser professor não é apenas ser professor na sala de aula, o verdadeiro e bom professor é aquele que ensina a sabedoria da vida, os valores da cultura e o fortalecimento entre o ser humano e natureza. As ações foram transmitidas através de palavras, observações e sentimentos em uma escola que me fez perceber quão é importante é a cultura indígena que vinha sendo esquecida pelos mais jovens, uma escola que trouxe a experiência.

No último ano do ensino médio, em agosto de 2008, o professor do 4º ano mudou-se da aldeia onde residíamos, e a turma do 4º ano ficou sem professor, nesse momento a comunidade me nomeou para tal responsabilidade. Fiquei satisfeita e animada pela confiança de um cargo tão importante. E fazendo uma reflexão filosófica, o que fazer agora? Não tinha experiência nenhuma e nem tinha concluído o ensino médio. Uma semana para planejar os conteúdos, não sabia por onde começar, não tinha formação acadêmica, tudo ficou difícil no começo.

O planejamento foi inspirado quando meu professor lecionava para mim, a admiração por esse professor me fez planejar a minha primeira aula. Muitos e outros planejamentos e comportamentos de um bom profissional foram inspirados em grandes professores que tive no

¹ A dança feminina Terena as mulheres dançavam para dar as boas-vindas aos guerreiros que retornavam da sua caçadas trazendo a caça para alimentar a família, e também para homenagear os guerreiros que voltavam da guerra *Siputrena, (Putu, Putu)*. Nos dias atuais, é praticada em dias festivos e, dentre outros, o mais conhecido como o mês do indígena .

ensino médio, Professores Antonino Jorge, Laucídio Jorge, Jader Gabriel e Professor Mateus, meu querido irmão, foram professores que me deixaram a dedicação, pois foram excelentes professores no ensino médio.

O ano de 2008 foi finalizado com dificuldade, falta de experiência pois não tinha uma graduação, não tive grande sucesso no ensino de meus alunos. Mesmo assim, a comunidade não desistiu de me manter como professora desses alunos no ano seguinte. O professor Antonino Jorge sempre me incentivou nos momentos difíceis, pois a falta de experiência e graduação eram complicadores para quem tinha somente o terceiro ano do ensino médio; quando queria desistir, o professor coordenador Antonino Jorge falava com palavras motivadoras dizendo que o próximo ano seria melhor. No começo, tive muita dificuldade no planejamento anual, mas esse professor contribuiu muito para minhas práticas pedagógicas, a falta do ensino superior me fez falta. Quando não se tem formação acadêmica, é difícil ter um bom desenvolvimento em sala de aula, pois falta você conhecer mais e as práticas pedagógicas foram ficando cada vez mais difíceis. Eu tinha grande esperança de cursar uma faculdade e naquela época queria seguir a carreira de psicologia, é uma área que ainda sonho algum dia cursar. Em 2011, surgiu a oportunidade de me inscrever na UNEMAT Intercultural *Campus* de Barra do Bugre, mas veio a decepção, não fui aprovada. Fiquei muito triste, mas compreendi que ainda não seria o meu momento, sempre tive muita fé, são ensinamentos de meus pais para mim na infância.

No ano de 2012 tive outra oportunidade, novamente me inscrevi, eu e meu esposo, me recordo que numa tarde o diretor da escola foi até a minha casa e, para minha surpresa, eu e meu esposo fomos aprovados no curso da Unemat Intercultural em Licenciatura em Pedagogia, uma emoção tomou conta de mim naquele momento. A partir de então começava a nova jornada acadêmica.

2.3 A Caminhada acadêmica

Podemos considerar isso uma base sólida para as minhas práticas pedagógicas, desde a primeira fase da minha infância até o momento presente foram aprendizados que me deram suporte na minha vida profissional. A educação indígena tem uma carência muito grande de profissionais qualificados que ensinem os/as alunos/as conforme a especificidade de uma escola diferenciada, que sejam protagonistas de suas próprias histórias e de sua prática pedagógica. Na fase acadêmica, as teorias e as práticas metodológicas foram adquiridas na instituição da

Unemat, como se desse um “anzol e a isca”, só precisaríamos aprender a “pescar”. O conhecimento dentro do direito da educação indígena diferenciada nos possibilitou ensinar aos nossos alunos/as uma diversidade de conhecimentos que estão em nosso meio, a instituição nos proporcionou sistematizar os conhecimentos tradicionais e universais, tornando-se uma boa prática pedagógica. Através da ludicidade, os conhecimentos na sala de aula são atrativos e prazerosos, tanto o conhecimento universal quanto o conhecimento cultural, ambos estão na mesma direção contribuindo com a nossa comunidade, sem deixar os nossos valores e costumes.

Nesta instituição, os docentes mestres e doutores que carrego comigo na minha caminhada educacional, a UNEMAT, nos proporcionaram um curso Intercultural de Pedagogia que abriu o leque de sabedoria às questões indígenas educacionais que todo o acadêmico indígena passa a valorizar, a cultura e a especificidade de cada povo. A interculturalidade estabelece um vasto conhecimento, através deste pude compreender a importância da nossa cultura para as futuras gerações.

Todo esse aprendizado na teoria e na prática reflete no aprender de meus alunos. Lembro do meu primeiro dia de aula no ano de 2008, quando a experiência profissional me faltava; hoje reflito sobre as experiências que adquiri durante o tempo que estive estudando na FAINDI, momentos alegres, na interação com colegas e professores. Os tempos tristes foram quando estávamos longe do aconchego familiar, longe de casa, longe da comunidade, e quando pensávamos que era por pouco tempo, tudo se tornava fácil, o cansaço e a esperança de vencer me faziam ser otimista. A alegria maior aconteceu quando, no mês de novembro no ano de 2016, chegou a colação de grau (Figura 2), todos os acadêmicos alegres por ser o momento único e importante de nossas vidas, a formatura é um marco para a vida acadêmica.

Figura 2 - Momento da colação de Grau: Formatura de Licenciatura em Pedagogia Intercultural



Fonte: Acervo da autora (2016).

Portanto, todo/a acadêmico/a tem suas dificuldades, para isso que devemos ser fortes e otimistas, que o retorno sempre vem de maneira delicada e sutil. Problemas todos nós temos, o que nos difere de alguns é que há pessoas que desistem na primeira dificuldade, outras não desistem jamais. Posso dizer que sempre estou como a frase que diz: “plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores” (Shoffstall, 1971), sempre fui uma menina frágil, mas a vida me ensinou a ser forte, a continuar de cabeça erguida quando vinham as dificuldades. Acredito que os sonhos são realizados por aqueles que são corajosos e perseverantes.

No ano de 2016, realizei o sonho de ser graduada... Nos longos anos de estudo, compartilhei algumas experiências de vida e de atuação docente, aprendemos mais sobre interculturalidade, nos reconhecemos como educadores e educadoras, além da formação política em busca do fortalecimento da educação escolar indígena dentro do estado de Mato Grosso. Compreendi que a Faculdade Indígena Intercultural fora de suma importância no meu processo de formação como docente, vivi momentos de grande aprendizado nesta instituição, pois a mesma nas produções das práticas pedagógicas, na dimensão das relações e na organização da gestão, sempre procurou valorizar a cultura e a especificidade de cada povo, com um trabalho democrático sob processos de escutas e também de aprendizagem conosco, povos indígenas.

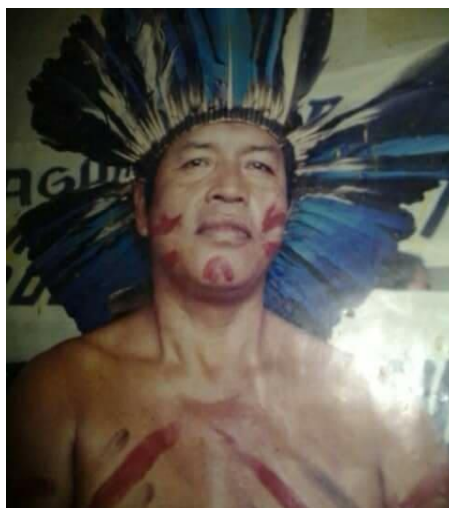
Com a formação de Pedagoga, desenvolvi trabalhos significativos dentro da escola e sonhei também com o mestrado, e, no ano de 2020, fiz inscrição para o PPGECH – Programa de Pós-Graduação *Scrito Sensu* em Ensino em Contexto Intercultural, e também nesse mesmo ano, sofri uma perda que não era significativa somente para mim, mas para o povo Terena de Mato Grosso.

2.4 Resiliência, coragem e persistência

Uma grande perda que o povo Terena e a minha família teve, foi o falecimento do meu pai Cacique Rondon, uma pessoa admirável por mim... Um pai carinhoso e um líder nato. Trago sempre comigo suas lembranças e apoio, ele sempre nos motivava à luta, às conquistas quando estava em vida...

Acredito que um dia todos nós vamos partir e iremos encontrar com nossos ancestrais, pois nesta terra estamos somente de passagem... Cada um de nós temos uma missão para cumprir... Esse legado meu pai nos deixou e sabemos que estaremos com os ancestrais... A perda é uma tristeza e não esperava que ele fosse nos deixar de maneira tão rápida. Foi uma perda que ainda sinto, é uma enorme dor em meu coração... Quando vem suas lembranças, a tristeza me invade, ele sempre será lembrado em nossos corações... Tenho uma grande admiração por ele, um indígena com grande inteligência Terena, um homem admirável, sábio e líder nato. Um homem de muitas lutas em benefício do seu povo. As lutas foram por ele vividas desde a juventude (Figura 3), e sempre se mostrou como um Terena, com as pinturas e os trajes culturais afirmando e reafirmando ser um Terena.

Figura 3 - Momento de protesto do Jovem Cacique Rondon



Fonte: Acervo da autora (2000).

Como ancião, foi sábio e conselheiro dos enfrentamentos necessários ao povo, e nunca deixou de expressar o orgulho de ser um Terena (Figura 4).

Figura 4 - Preparado para reivindicação dos direitos do povo



Fonte: Acervo da autora (2014).

Este legado de luta ele nos deixou... Continuamos seguindo o que ensinou, lutar por aquilo que acreditamos. Por esse exemplo, sou professora e tento fazer a diferença no meio do meu povo defendendo os nossos direitos, o nosso território, ensinando os/as nossos/as alunos/as os saberes da nossa cultura, dedicando o máximo pela preservação da nossa cultura.

O Cacique Rondon faleceu em Rondonópolis no dia 20 de dezembro de 2020. As aldeias Terena ficaram sem o maior líder Terena de Mato Grosso, uma perda irreparável que tivemos que enfrentar juntos como guerreiros e guerreiras Terena.

Compreendemos que é preciso seguir continuando o legado desse líder... A luta pelos nossos direitos deve ser constante, mas ele faz muita falta e estamos aqui para continuar a jornada que ele iniciou, uma jornada de todo o povo Terena. Dentro dessa luta, acredito que a educação indígena pode fazer a diferença de melhoria ao povo, são passos curtos que devemos priorizar, sempre fomos ensinados que a luta sempre existiu, cremos que é possível e que somos donos de nossa própria história, precisamos ser protagonistas de nossas lutas mesmo sendo difíceis, não devemos desistir.

Cacique Rondon foi uma liderança que iniciou o movimento do processo migratório de Mato Grosso do Sul ao Mato Grosso, um homem guerreiro nato que buscou diante do governo um espaço onde sua família pudesse morar e praticar sua cultura. Milton Jorge Turi Rondon, conhecido como Cacique Rondon, falante da língua materna Terena, almejou e lutou em vários movimentos de trancamento de BR para poder articular com os governantes um lugar para poder morar. Sua liderança e laço paterno sempre me fizeram perceber a importância da cultura Terena para as futuras gerações, ele me mostrou que a união fortalece o grupo. Mesmo em momentos de chuva e sol, lá estava ele a frente para a jornada de reivindicações diante do governo e diante da sociedade, Cacique Rondon nunca nos mostrou fraqueza em suas reivindicações, era um líder que demonstrava otimismo em seus movimentos em prol da terra. Quando seus guerreiros de reivindicações estavam desanimados por não terem respaldo do governo, Rondon acalentava com suas palavras de sabedoria ao entender que o povo Terena de Mato Grosso já podia contar vitória, que iríamos ganhar a terra. Foram anos e anos no movimento e não desanimava.

Meu saudoso pai estará em nossas memórias... Cacique Rondon, meu pai liderou o grupo e conquistou junto com as lideranças, crianças, jovens e mulheres o Território Gleba Indígena Iriri Novo povo Terena de Mato Grosso. Sua liderança é inspiradora para mim e para todo o povo Terena...

Cacique Rondon...Um homem de visão de futuro, um protegido dos ancestrais e dos espíritos guerreiros... Um homem que discursava com o seu povo, que orientava e aconselhava em diferentes dimensões, da luta, da cultura, dos estudos, ele orientava seus filhos e todos da comunidade... Dizia que o futuro pertencia a nós...que estava fazendo o que podia para seu povo, era um homem cheio de sonhos... Aprendi muito com meu pai...aprendi sobre liderança e respeito, sobre estar aberto ao diálogo. Ele dizia que o mais importante em um líder é saber escutar e aprender aquilo que ainda não sabe.

No ano de 2018, ele ingressou na Faculdade UNIFAMA, de Guarantã do Norte, fazia o curso de Pedagogia, uma força e inspiração para os jovens na época, começou trabalhar como professor da Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon Terena, era professor da EJA (Educação de jovens e adultos). Cacique Rondon foi um exemplo de força e perseverança, principalmente, aos seus filhos e filhas... Nos orgulhamos de nosso pai, ele foi e é um exemplo de conquistas.

Como educador da escola Terena, compartilhou muitos ensinamentos ao corpo docente, que se fortaleceu nos planos de como conduzir a educação escolar. Todas as lembranças que fazem parte da minha memória são da garra dele como líder... Pensar e lembrar das ações lideradas por ele me fortalece a cada dia, somos e seremos a força de cacique Rondon.

Acredito que ele está junto aos encantados e de lá a sua força chega até nós... Os seus ensinamentos e a valorização cultural estão presentes na identidade cultural, na essência de cada um de nós, nosso sangue de indígena Terena de força e resistência continua.

A Cultura fez e faz parte da minha vida como profissional, como liderança feminina, como mãe, mulher e pesquisadora, traços que estão enraizados na minha essência e nos meus costumes. A religião cristã fez parte quando era criança e tenho um respeito muito grande por essa religião. Ao se tornar adulta, tive uma outra vivência...

Foi preciso olhar para a cultura, e o contato direto com meu povo morando na aldeia indígena Córrego do Meio, no município Sidrolândia de Mato Grosso do Sul, contribuiu com esse processo, pois foi a partir de então que pude aprender mais sobre a cultura na/a qual eu pertencia. A compreensão e valorização cultural de meu povo foram momentos muito significativos na minha vida escolar na aldeia.

A visão que tive é de que meu povo é um povo de luta, força e resistência, o fortalecimento cultural que buscamos para resistir no mundo em que estamos e a resiliência do povo Terena mostram um povo que sempre lutou por seus objetivos e fortalecimento cultural diante da sociedade. Busco como pesquisadora divulgar a nossa cultura aos não indígenas e a aqueles que desconhecem a luta do povo indígena. A luta por uma educação escolar indígena agregada à uma Educação Indígena Popular Ambiental Terena significa avançar em um futuro melhor, com valorização indígena cultural e ambiental.

Como mencionei, no ano de 2020 fiz a inscrição para o mestrado intercultural, inicialmente não fui selecionada, e esse era ao objetivo de minha carreira acadêmica, não desistir. No ano seguinte, me inscrevi novamente e para minha alegria no ano de 2023, fui selecionada para o mestrado intercultural, Campus de Barra do Bugres. Fiquei muito feliz, era o que eu almejava, ser aprovada. Estou caminhando como pesquisadora e sou grata primeiramente à Deus pela vida, pela Instituição e pelo programa no qual estou inserida. Tenho o pensamento para fazer algo bom a minha aldeia, pensar no nosso território dentro da perspectiva da educação ambiental e saberes ambientais com uma abordagem intercultural,

específica e diferenciada, protagonizada por mim que sou Terena, uma Educação Ambiental interligada aos conhecimentos tradicionais e da sociedade envolvente, para contribuir com a comunidade Terena.

3. HISTÓRIA DO POVO TERENA E OS MOVIMENTOS DA PESQUISA

Essa seção apresenta, de maneira breve, a história do povo Terena, seu processo histórico de migração até chegar no estado de Mato Grosso e a importância da escola na revitalização da cultura do meu povo. Descreve também a metodologia de pesquisa desenvolvida para esta pesquisa.

3.1 Povo Terena em Mato Grosso: Contextualização e resistências

A pesquisa diz do meu povo, e é preciso contextualizar a nossa vinda para o estado de Mato Grosso porque faz parte da nossa história e está relacionada com as aprendizagens de outro lugar de vivências ambientais. De acordo com Cruz e Custódio,

O povo Terena migrou para Mato grosso com o objetivo de conquistar uma área territorial, e em 17 de dezembro de 1997 saiu das suas terras de origem em Mato Grosso do Sul na busca de uma área onde pudessem morar e fazer suas roças para que pudessem tirar o sustento para suas famílias. (2021 p. 96).

O povo Terena teve sua história marcada por conflitos territoriais. Na Exiva no Chaco Paraguai, onde tudo começou, encontramos a origem do povo Terena, da língua, cultura e história, Terra dos ancestrais Terena, o lugar tem uma profunda conexão espiritual dos ancestrais Terena e, por isso, terra do sagrado, onde a história possui registros da presença do povo Terena na região desde o século XVI.

Na região de Exiva no Chaco Paraguai e em território brasileiro,

O povo Terena e os não indígenas brasileiros lutaram pela preservação de suas terras, na região de Miranda, no entanto perderam a guerra e o local onde estavam estabelecidos. Outros moradores se apropriaram da terra e investiram os seus bens na agricultura e na criação de gados, num período que ficou conhecido como período de “Tempo de Servidão” (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 26).

Depois da guerra, saímos do Paraguai para o Brasil, em direção a Mato Grosso do Sul, onde parte do nosso povo permaneceu e um grupo, por diversas situações, se deslocou para o estado de Mato Grosso, foi assim que aqui chegamos buscando melhorias e um lugar neste imenso Brasil. No estado de Mato Grosso, ficamos à beira da estrada e muitas vezes fomos nomeados de Sem Terra por outras pessoas que não nos compreendiam como povo originário. Fomos acolhidos pelo povo Boe-Bororo, mas meu povo entendia que precisávamos de um território para nosso povo, pois a nossa cultura e jeito de viver eram bastante diferentes. Reginaldo nos diz que

A história do povo *Terena* em Mato Grosso é a história de um povo que atravessou duros caminhos, brutalmente humilhados, pois ficaram à beira de estradas acampados, tiveram que ficar calados com destratos de não indígenas que não compreendiam o sofrimento do grupo em mudança; tiveram que viver em aldeia de outro povo que, apesar de ser parente, ainda era um outro povo. Mas foram fortes e corajosos, pois as palavras e gritos das manifestações aconteciam exigindo um território para morarem e cultivar seus alimentos. O grupo de Terena que decidiu partir a procura de um lugar para melhor ofertar a vida para seus filhos sofreram muito na viagem (2016, p. 16.)

Foram muitas lutas e negociações para que pudéssemos conquistar nosso território no estado de Mato Grosso, como ilustra a Figura 5. Na imagem, as famílias Terena estão reunidas para uma de suas primeiras reuniões na FUNAI de Rondonópolis realizada para reivindicação da terra. Esse é um momento de aprendizagem e da história do povo Terena, pois nos momentos de manifestações estavam todos os membros da família, inclusive as crianças estavam acompanhando os pais.

Figura 5 - Famílias Terena após reunião com a FUNAI em Rondonópolis-MT



Fonte: Eliel Turi Rondon, 28 março (1998).

Depois de muitas lutas e reivindicações, em 2003, o governo reconheceu o direito ao território para os Terena no estado de Mato Grosso.

O povo com toda trajetória migratória de um estado para o outro manteve contato com outros povos, com os não indígenas mato-grossenses, ocorrendo inclusive casamentos interétnicos. Toda essa situação histórica contribuiu para a fragmentação na sua prática cultural, a maior parte dessa ruptura foi a língua materna, que sofreu grande impacto. A história fez entender que, diante de todo o processo migratório e das rupturas decorrentes, estávamos perdidos diante de tal problema que não conseguíamos perceber que afetaria futuramente o povo Terena.

Atualmente, o povo indígena Terena no estado de Mato Grosso está no município de Matupá, aldeia *Kuxonety Poke*,é, (Terra Esperada). O povo e a comunidade indígena Terena vêm fortalecendo suas organizações, tradições e sua identidade cultural, e lutam para manter vivos os saberes ambientais e culturais.

O Território Terena Gleba Iriri Novo está localizado no município de Matupá, no estado de Mato Grosso. Essa terra indígena é habitada pelo povo Terena, que possui uma cultura rica que prevalece por sua força, luta, perseverança e resiliência, um povo que luta pelos seus direitos constitucionais. O povo Terena é conhecido por sua habilidade no plantio e possui um grande grau de integração com a sociedade circundante. Eles também são conhecidos por suas aldeias *Turipuku* (Figura 6), Aldeia *Inamaty Poke'e* (Figura.7) e *Kuxonety Poke'e* (Figura 8). O ambiente do território indígena é do tipo de cobertura vegetal de floresta ombrófila aberta, o clima que predomina nesta região é o equatorial úmido por longos períodos de chuva e contém a variação climática com mais de 60 dias secos. Possui sua bacia hidrográfica do Xingu, um dos mais extensos e importantes afluentes do rio Amazonas, onde há peixes de várias espécies, com o bioma Amazônico que abrange uma vasta área tropical com uma rica biodiversidade de fauna e flora.

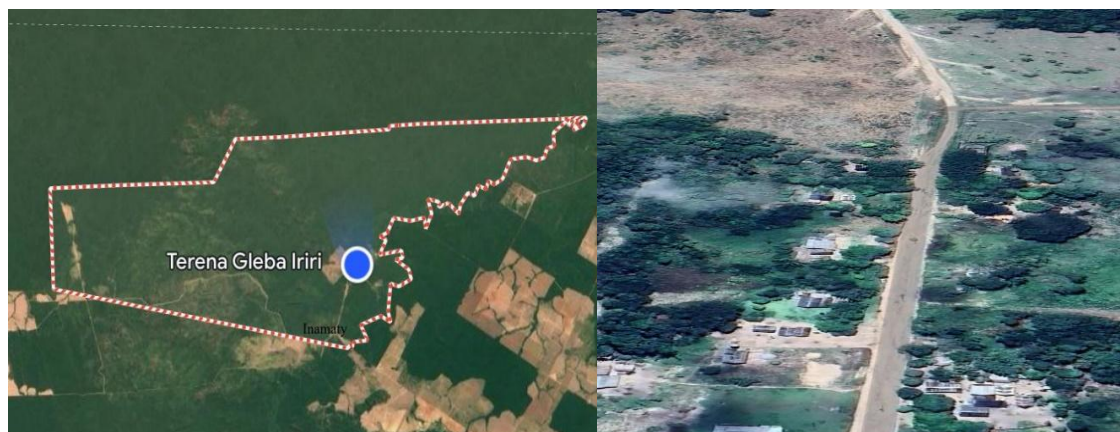
Figura 6 - Localização da aldeia *Turipuku* no Território



Fonte: Google Maps, 26 novembro (2024).

No Território Terena, a aldeia *Turipuku* era a aldeia do saudoso Cacique Rondon que foi uma grande representatividade ao povo Terena de Mato Grosso; na atualidade, seu legado é exercido por seu filho Professor Messias Rondon, junto com suas lideranças que também são da mesma família de seu pai. A aldeia fica próximo à fazenda Chapadão.

Figura 7 - Localização no Território da aldeia *Inamaty*.



Fonte: Google Maps, 26 novembro de 2024.

A aldeia *Inamaty* fica a, aproximadamente, 60 Km de distância da aldeia *Turipuku* e é considerada a segunda aldeia representada pelo Cacique Pedro Cruz e sua liderança.

Figura 8 - Localização no Território da aldeia *Kuxontey*



Fonte: Google Maps, 26 novembro de 2024.

A aldeia *Kuxontey* é a terceira aldeia dentro do Território Terena onde foi desenvolvida a pesquisa, o povo Terena é marcado por lutas e reivindicações, busca o fortalecimento cultural e a escola tem proporcionado esse fortalecimento cultural e conhecimento universal.

A aldeia *Kopenoty* é pertencente ao município de Peixoto de Azevedo, distante 75 km de seu município e 2 quilômetros do Distrito União do Norte, uma vila próxima à aldeia.

O processo histórico vivenciado pelo meu povo teve várias consequências, e uma delas foi que nós fomos bastante afetados na língua materna, somos da família linguística Aruak, mas há pouco falantes da língua materna e são a minoria que entende a língua. Porém, é preciso dizer que temos nos preocupado com essa situação e buscado a revitalização da língua materna

com o auxílio da escola. Também estamos em processo de fortalecimento da cultura, e da conexão com o ambiente.

Com a luta em prol da terra, nós os Terena de Mato Grosso deixamos de fazer as práticas culturais e, como já dissemos, sofremos o impacto na língua. Acreditamos que tudo poderia ser restaurado se tivéssemos um território próprio, pois para esse processo foram muitas reivindicações, e hoje o povo é reconhecido historicamente pela sua bravura e resistência como diz Ferreira,

O povo Terena tem uma reconhecida trajetória de contribuição ao desenvolvimento nacional, que se constitui em marcadores históricos que sinalizam tanto as suas conquistas passadas e presentes, quanto os seus movimentos de resistência... (2021, p.17)

Os movimentos de resistência sempre estiveram conosco em todas as nossas lutas e reivindicações, mas também estão na afirmação da nossa identidade enquanto Terena, nas nossas reaprendizagens cultural e linguística, e na nova aprendizagem como um Território na Amazônia Mato-grossense.

Faz parte da resistência do meu povo assumir a escola específica, diferenciada e intercultural, e é assim que, a partir do ano de 2006, começamos a desenvolver fortemente um trabalho de resgate/revitalização cultural e linguística (com mais dificuldades), e a escola foi sendo fortalecida junto com o corpo docente e as pessoas da comunidade. A escola começou a questionar por quê não havia mais a prática de nossas danças, da nossa cultura; dessas interrogações, a escola tomou partido e assumiu a iniciativa de buscar a comunidade para fortalecer os nossos saberes indígenas

Esse movimento de resistência resultou, na atualidade, em um conhecimento significativo na prática da dança cultural, do grafismo, dos trajes tradicionais, da confecção dos nossos artesanatos, da prática da roça, dos nossos costumes (Figura 9).

Figura 9 - Confeção dos trajes tradicionais



Fonte: Acervo da autora (2012).

Pela implementação do currículo escolar intercultural foi possível fortalecer a nossa identidade Terena e sua autonomia. A escola tem seu papel importante de formar cidadão, respeitando a realidade de cada educando, como afirma Pereira:

A inclusão social, política e econômica integra o aluno, a sociedade envolvente sem deixar que ele perca a sua cultura tradicional, valorizando a língua materna, mitos, crenças, cantos e danças. Esse se constitui no foco primordial da escola no contexto da nossa comunidade. A partir desses objetivos a instituição visa que o aluno aprimore seus conhecimentos aderindo a nível superior que posteriormente retribuirá a comunidade de origem, podendo preparar mais discentes aptos para enfrentar os maiores desafios relativos ao seu modo de vida tradicional (2016, p. 29).

Esse trabalho resultou também em um pacto entre as quatro comunidades Terena de realizar anualmente uma semana intercultural, no mês de abril. Essa data tem como objetivo relembrar as práticas culturais do povo e fortalecer ainda mais a cultura. Na semana intercultural também são convidadas as aldeias vizinhas (de outros povos) para prestigiar a festa, quando são feitas várias brincadeiras, jogos e danças tradicionais, e desfile da garota indígena.

O desfile da garota e garoto indígena tem como objetivo demonstrar o traje típico da cultura e o grafismo. É importante lembrar que foi o Professor Micael Turi Rondon e Professora Mirian Turi Rondon que deram início a esse trabalho pedagógico-cultural com a finalidade de envolver os jovens e crianças da aldeia para usarem o grafismo e traje típico Terena. A semana Intercultural, como é pacto, é realizada todos os anos em uma comunidade/aldeia diferente. A festa é esperada por todos da comunidade e tem sido de grande importância para o povo Terena.

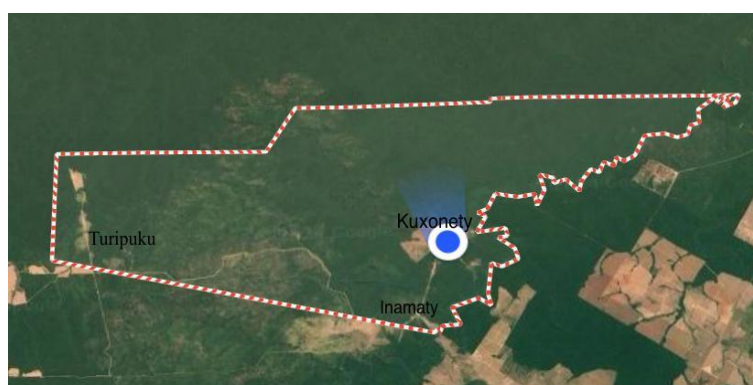
Todo esse processo histórico da vinda para o estado de Mato Grosso movimentou todas essas ações e hoje estamos em um outro ambiente e aprendemos com ele, com as riquezas que tem a nos oferecer, vivemos em constante resistência da nossa cultura, vivemos procurando sempre fortalecer o currículo escolar intercultural, somos os Terena de Mato Grosso, sem

esquecer as nossas ancestralidades, mesmo em processo migratório, nunca deixamos de ser Terena.

3.2 Aspectos metodológicos e colaboradores da pesquisa

A pesquisa foi realizada dentro do nosso território Iriri Novo (Figura 10) no estado de Mato Grosso, onde moramos, e desenvolvida na Escola Estadual Indígena Terena *Komomoyea Kovoero*, na aldeia *Kuxonety Poke'e*. A escola é um lugar importante na resistência e na aprendizagem da cultura de forma sistematizada.

Figura 10 - Mapa do Território Terena Gleba Iriri



Fonte: Google Maps, 26 de novembro (2024).

Este estudo teve como objetivo central compreender os conhecimentos, e as práticas culturais do povo Terena que dialogam com a Educação Ambiental, considerando a realidade e os problemas dentro do território para o desenvolvimento de práticas pedagógicas junto aos alunos e a própria comunidade indígena sobre a importância da relação ser-humano/natureza.

Foi preciso realizar um estudo detalhado dos teóricos, e as abordagens das atividades relacionadas à pesquisa em sala de aula e aula de campo, envolvendo os/as alunos/as do 4º, 5º e 7º anos (estes colaboradores diretos da pesquisa) e três conhecedores dos saberes do povo, sendo um deles professor da escola, além de outras pessoas da comunidade que acompanharam o percurso da pesquisa. O tempo destinado para realização da pesquisa, com entrevistas e realização da prática pedagógica junto aos estudantes, foi no período de março-junho de 2024.

Fez parte da pesquisa a realização de leituras visando o aprofundamento do conhecimento sobre Educação Ambiental e Educação Indígena, bem como, a relação entre estas duas no contexto escolar. É uma pesquisa qualitativa conforme Minayo (2007),

A pesquisa qualitativa reponde questões muito particulares... Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade se distingue não só no agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas dentro e a partir da realidade vivida. (p. 21)

Junto com a pesquisa qualitativa fiz o uso do método etnográfico por ser este um dos mais indicados para o desenvolvimento de estudos com povos indígenas. A coleta de dados foi realizada em dois espaços correlacionados: a escola e a aldeia. Segundo Geertz (2008), a etnografia não é, apenas, questão de métodos, mas sim um esforço intelectual do pesquisador, “Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (Geertz, 2008, p.4). Assim, o foco desta pesquisa procurou mostrar a educação ambiental em correlação com a educação indígena na perspectiva cultural. Dentro desta perspectiva, Geertz afirma:

O conceito de cultura eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentar demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma, ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado é justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (2008, p. 4).

Pode-se dizer que a educação ambiental é parte de uma educação indígena porque é sobre a vivência dentro do nosso território, da nossa cultura, dos cuidados com o lugar que vivemos, com a nossa história, com os nossos direitos, nossos conhecimentos para o nosso Bem Viver. Mas também sabemos que, como em muitos outros lugares deste país e deste mundo, nosso território está ameaçado por diferentes impactos que podem ser externos, mas também internos dentro do nosso próprio território. Por isso, Krenak (2019) afirma que é preciso adiar o fim do mundo, e isso só é possível entendendo que todos somos partes de um único mundo, portanto, “Nós não somos as únicas pessoas interessadas no mundo.” (p.30)

Assim, a pesquisa desenvolveu-se em dois ambientes, a comunidade e a sala de aula. Para o desenvolvimento da pesquisa, senti a necessidade de dialogar primeiramente com os anciãos antes de iniciar o trabalho diretamente na sala de aula. E também buscar referências sobre a relação do meu povo com a natureza, e isso fiz em livros, *websites*, e, principalmente, ouvindo as pessoas na comunidade. A pesquisa movimentou a todos para refletirmos sobre os nossos saberes ambientais.

Ao mesmo tempo que desenvolvia esse diálogo em forma de entrevista, também foram desenvolvidas várias atividades em campo e em sala de aula, e também houve momentos dos estudantes junto aos anciãos.

Através das entrevistas acredito que obtivemos informações relevantes sobre os valores da cultura, assim como percebi a ligação entre o povo Terena e a Natureza. Nós Terena buscamos o fortalecimento cultural e acredito que ter adentrado nas fontes da pesquisa foi de suma importância para este estudo, para colaborar com a escola, a comunidade, a valorização dos saberes ambientais, estabelecendo uma interligação da educação ambiental e da cultura.

Durante a pesquisa na sala de aula e em campo, desenvolvemos atividades que abordaram o processo de vivência com e no ambiente, ser humano-natureza. Nessas atividades, desenvolvemos processos do pensar/agir sobre e com a natureza, e refletimos sobre e a relevância de atitudes conscientes promovidas por uma educação ambiental aliada ao fortalecimento da nossa cultura.

Também fez parte da metodologia da pesquisa fazer a observação das ações propostas junto aos estudantes. Portanto, a pesquisa etnografou as vivências na escola junto aos estudantes e os momentos junto aos anciãos, e de alguma forma envolvemos a comunidade no desenvolvimento da pesquisa. Assim, o movimento da pesquisa teve a finalidade de identificar, conhecer e registrar os conhecimentos gerados a partir das práticas pedagógicas realizadas principalmente pelos alunos do 4º, 5º e 7º anos em relação à educação ambiental.

Essas vivências pedagógicas fazem parte da pesquisa participante e resultaram em um produto pedagógico sobre educação ambiental no contexto do povo Terena. Trata-se de um livro dividido em três partes. Parte I – Os saberes e conhecimento do território pelo povo Terena; Parte II – Impactos ambientais dentro do Território e Parte III – Pensando os projetos sustentáveis para o território.

O produto pedagógico é um instrumento produzido na escola no período da pesquisa e neste ocorre o encontro entre a educação indígena e a educação ambiental indígena, posto que muitas das práticas defendidas pela educação ambiental estão presentes nas práticas culturais. É válido ressaltar que a educação é o caminho para a compreensão das questões ambientais e os impactos que atualmente vêm causando no ambiente das terras indígenas e deve ser debatida no âmbito escolar juntamente com os alunos. É provável que não seja uma das soluções, mas podemos abrir caminhos através da conscientização e sensibilização. E a escola e comunidade podem refletir e sugerir possíveis sugestões para compartilhar conhecimentos que fortaleçam o povo e a sociedade. Assim, o autor Paredes (2008) pontua que

A educação pode não ser a solução para todos os seus problemas, mas, pode ser a “bússola” que vai orientá-los na hora de decidir “qual caminho se deve seguir”. Por esse ponto de vista, o primeiro passo pode ser dado através da criação e (ou) fortalecimento das associações de professores indígenas, junto às suas comunidades de origem, seja a nível local ou regional, étnico ou interétnico. Não importa a forma como se organizam, desde que funcionem como “entes” representativos dos interesses daquela categoria (p.77)

Enfim, a metodologia da pesquisa insere-se dentro da abordagem qualitativa, etnográfica, participante e pela educação e práticas pedagógicas é possível o desenvolvimento de pesquisas em ensino com foco na educação ambiental em contexto indígena.

4. CONTRADIÇÕES: IMPACTOS NO TERRITÓRIO E RELAÇÕES DOS SABERES TERENA COM A EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para falar das contradições e dos impactos atuais no Território Terena em Mato Grosso, é preciso retornar à história da nossa origem e dos nossos saberes ambientais e culturais, mesmo que reconheçamos que tivemos impacto fortíssimo no processo migratório e que tivemos que aprender a viver em outro lugar que hoje é o nosso território dentro deste estado. Também apresento os conflitos e as contradições vividas pelo meu povo, bem como a escuta na entrevista feita com os anciãos. A entrevista com os anciãos ajudou a pensar e a desenvolver o trabalho junto com os estudantes.

A educação tradicional tem ligação direta com a educação ambiental, ambas estão ligadas e não há separação, essa interação se desenvolve por meio de educação tradicional, que envolve a transmissão de conhecimento e habilidade de geração a geração. A estreita relação entre mesmas, de que não há separação entre elas, ajuda na preservação da cultura, conservação do meio ambiente e promove a conscientização sobre a importância do meio ambiente e dos recursos naturais. A educação ambiental indígena popular estabelece, por meio da perspectiva da sustentabilidade, que é fundamental para sobrevivência dos Terena e de suas comunidades. Estabelece por meio de projeto de conservação do Território e realiza por meio de parceria com a comunidade Terena a inclusão, a educação intercultural, a conscientização sobre a importância da diversidade cultural e ambiental aos estudantes.

4.1 Memórias da origem, Saberes Terena e o Bem Viver

Relato neste texto de pesquisa que a relação da origem do povo Terena com a natureza é muito forte, apesar dos desafios vividos na nossa história. Existem quatro versões sobre nossa origem, destas, apresento a narrativa mais recorrente. Na narrativa de origem do meu povo, os Terena foram descobertos por um homem que sabia compreender os sinais da natureza e, ao entender a linguagem do passarinho, seu olhar encontrou uma multidão de pessoas que habitavam o lugar de onde nascem alimentos, o chão, o solo, assim fizemos parte deste planeta:

Havia um homem chamado *Oreka Yuvakai*. Este homem ninguém sabia de sua origem não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando no caminho ouviu um grito de passarinho olhando com que com medo para o chão. Este passarinho era bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou a chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo de um buraco e nele havia uma multidão, que era os povos Terena... (Bittencourt, 2000, p. 22, 23).

Nesse relato se percebe a origem do povo com uma ligação com a natureza, saímos da terra, somos parte desse mundo, e como somos parte não podemos destruí-la porque ela é um pedaço de todos nós, sem a natureza não podemos viver. A partir de então, os Terena prosseguem com os ensinamentos dos saberes da natureza, da cultura, dos conhecimentos que estão conectados com a tradição do povo.

Nós, povo Terena, sempre tivemos a natureza como elo da cultura, pois ela é a nossa mãe, fonte de vida, de alimentos, renascimento, fonte de cura com suas ervas medicinais e espirituais, com a água que mata a nossa sede, com os frutos que dela vêm, com os pássaros com seus coloridos para fazer nossos enfeites.

A natureza é única e inseparável do ser humano, se refere ao mundo natural, físico e espiritual; os saberes ambientais Terena, quando se trata de natureza, integram tudo que nela há, desde as plantas, seres vivos e os seres não vivos.

O povo tem a cosmovisão indígena relacionando tudo que há na natureza como parte de sua relação e integra os seres da natureza, os animais, plantas, rios, enfim, todos espíritos que há na floresta têm uma conectividade com o povo indígena, e isso é contribuir com o mundo e tudo que nele há.

Nossa origem é da terra e depois que saímos do buraco habitamos Exiva, todo o Chaco Paraguaio, e aprendemos a nos relacionar com a parte de cima do solo. Saímos do Chaco Paraguaio e migramos para Mato Grosso do Sul, lá ficamos no Território Indígena Buriti, uma região de cerrado onde tivemos que aprender sobre as plantas e os animais dessa região e desenvolver trabalhos junto aos fazendeiros. Nesse território tem córrego e pouquíssimo animais, havia na época uma escassez de animais silvestres, pois cada vez estava mais difícil consumi-los com a chegada de mais Terena nesse território; faltava espaço para roça e a alimentação estava ficando difícil, isso fez com que muitos Terenas desenvolvessem tipos de trabalhos que não eram da nossa própria cultura. Um grupo saiu de Mato Grosso do Sul e foi em direção a Mato Grosso, anos de luta fizeram com que conquistássemos o Território Irii Novo.

Nos mudamos para a reserva Indígena Irii Novo, o povo Terena notou a diferença do lugar de origem e da atualidade, e novos saberes precisaram ser construídos. Chegando neste novo território, aprendemos sobre ele e trouxemos outros conhecimentos nossos para esse lugar.

Os nossos anciãos, o meu povo sempre teve conhecimento das ervas medicinais, são saberes aprendidos com o ambiente de vivência e com as nossas tradições.

Assim, os saberes ambientais estão nas ervas medicinais. Trazemos para este texto a importância das ervas para o povo Terena, temos anciãos que têm a sabedoria de identificar os remédios e fazê-los para uma determinada enfermidade. Não são todas as pessoas que conhecem as ervas medicinais, os que conhecem mais são os pajés, ou aqueles que têm a linhagem de seus ancestrais curandeiros, eles são os sábios da nossa cultura. Os sábios da cultura têm uma ligação com os espíritos que chamamos de *koixomuneti*, através deles são desvendados os medicamentos para determinadas doenças, os remédios são feitos conforme a época de cada planta, sendo extraídas folhas, raízes, fruto, casca das árvores, e seguem muitas vezes critérios que muitos curandeiros não revelam:

Além das especificidades, o que une a todos os xamãs, homens ou mulheres é a cura ou, melhor dizendo, o papel de curador. A iniciação, a indumentária, a morfologia da cura, os tipos de instrumentos, as técnicas adquiridas pelo aprendizado ou por indicação dos espíritos, o transe com a utilização de psicotrópicos ou não, são elementos que variam muito, conforme a cultura, (Aççoline, 2015, p.139).

As ervas sempre fizeram parte do tratamento de algumas doenças como diarreia, dor de cabeça, infecções, inflamações, picadas de insetos e de cobra; além dessas, muitos outros tipos de doenças podem ser curados com o tratamento das ervas medicinais do povo. Mas, esse tipo de tratamento não vem sendo valorizado pelo povo, pois os mesmos acreditam que o preparo das ervas seja trabalhoso. E buscam no posto de saúde da aldeia esses medicamentos ou compram nas farmácias, pois dizem que são mais práticos – com esse tipo de pensamento, sem perceber, desvalorizam os medicamentos tradicionais do povo. Raramente acontece que poucas pessoas, entre elas os mais velhos, procuram os remédios tradicionais para tomar, isso significa que podemos mostrar a importância dos remédios ao povo, esse ponto de partida será a escola para fortalecer e valorizar a cultura de nossas ervas medicinais.

Faz parte dos nossos saberes reconhecer a mata, a floresta e fazer o extrativismo vegetal para confecção de nossas roupas tradicionais, por exemplo, da árvore do buriti é extraído o broto para confeccionar artesanato, o buriti uma árvore valorizada e o povo confecciona saia masculina Terena e artesanato (Figura 11). Antes da cerimônia tradicional dos povos indígenas que acontece em abril, alunos/as, professores/as e representantes das lideranças ficam responsáveis por buscar esses materiais nas fazendas vizinhas, já que na nossa reserva há pouco buritis, e quando são extraídos, usamos somente o broto e sua fibras.

Figura 11 - Árvore do buriti e o processo de confecção da saia masculina



Fonte: Acervo da autora, (2024).

Esse saber é do meu povo, e a coleta de buriti e o processo de confecção são atividades feitas pelas pessoas da comunidade, mas também, muitas vezes, os professores e alunos e pais participam desta atividade como preparação da semana intercultural que acontece. É preciso aprender como coletar, e não destruir o Buriti que está em nosso território porque já são poucos, assim como os que estão nas fazendas vizinhas, porque vamos precisar dele no próximo ano. Depois de retirado, é feita a saia para os homens (Figura. 12).

Figura 12 - Saia masculina e guerreiros Terena na Semana Cultural.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Nossa cosmovisão indígena está muito além do cuidado, está na relação entre a natureza e o povo, ela nos fornece aquilo de que precisamos, por isso devemos sempre ter a sensibilidade de respeitar e conservar nossas riquezas naturais.

Não cortamos os buritis por completo, os saberes ancestrais nos ensinaram que é preciso tirar somente o necessário para a utilização. Neste contexto, a escola está sempre envolvida nas ações da comunidade, então quase sempre depois da coleta do buriti, levamos para a escola ou para o barracão comunitário da aldeia onde todas as crianças, alunos jovens, homens, mulheres e os professores ficam com a responsabilidade de ensinar a confecção das vestimentas masculinas. Neste momento da preparação, o cacique das danças masculina e feminina orienta o modo da confecção.

O território que ocupamos na atualidade está no processo de reconhecimento. Os Terena vieram de Mato Grosso do Sul, onde suas terras e seu espaços são cerrado, o povo estava acostumado naquele ambiente e ao se deparar com a reserva de mata nativa e árvores de grande porte que não conheciam, foi preciso apreender a se readaptar em um ambiente totalmente desconhecido, mas os buritis também existem no cerrado e foram encontrados aqui na floresta amazônica mato-grossense.

Aprendemos a reconhecer os animais do nosso território, e muitos já eram conhecidos pelo nosso povo e os animais, além de servirem para alimentação, são usados no processo de tratamento de doenças. Por exemplo, dependendo dos animais que são capturados abatidos para consumo, ali há saberes que podem servir como remédio ou como artesanato.

A correlação entre a cura e os artesanatos do povo Terena é muito peculiar, alguns são usados para finalidades bem específicas como: a pena da arara serve na confecção do cocar, da pena da ema também são feitos cocares e saia masculina. Ao adentrar na mata, devemos pedir licença, pois estamos diante de um ser que devemos respeitar, que é a nossa mãe natureza. A moela da ema é indicada para cura de tuberculose e seu óleo é extraído para doenças intestinais, e de suas penas são confeccionadas a saia e o cocar masculino. Outro animal do qual são feitos os artesanatos e serve como medicamento é o lagarto teiú: dele é extraído o óleo para infecção no ouvido e outros tipos de doenças, e com o couro desse animal, depois de seco, é feita pulseira.

A paca é também um animal que serve como alimento para o povo, e seu fel não pode ser consumido por mulheres, porque pode deixar a mulher infértil. No entanto, quando a mulher não quer mais ter filhos é feito esse medicamento para poder acabar com a fertilidade. Ele também pode servir para infecção urinária e dos seus dentes podem ser confeccionados colares. O mel da abelha é usado como medicamento tradicional; o tamanduá é animal místico, povo Terena acredita que se ele for visto, algo ruim pode acontecer com a pessoa que o avistou. O

óleo da sucuri é usado como medicamento tradicional e é um animal místico; e a coruja é muito temida com seu canto noturno e quando entra na casa é um sinal de agouro.

São muitos os saberes do povo entre a cura, artesanatos e alimentos, dos quais foram citados alguns. Muitos desses saberes são ocultos, são saberes guardados entre os mais velhos que sabem e fazem, muitos desses saberes não são de conhecimento dos jovens. É preciso, neste sentido, fortalecer os saberes que estão adormecidos, e a escola tem o papel primordial para reavivar todos esses conhecimentos do povo:

Hoje ninguém mais quer fazer remédio de mato. Eu como carne de caça, mas aqui onde moro nunca vi, eles fazendo remédio de alguns bichos, minha mãe onde morava ela fazia, não tinha preguiça não, eu sei fazer, mais aqui nunca fiz, mais também a maioria prefere fazer uso de medicamentos de farmácia e deixam o remédio nosso esquecida esquece tudo. A anciã Brasileira Clementina cita. Acho que o povo não importa mais com o nosso remédio, assim eu vejo, eles gostam de remédio da cidade, eles compram pra tomar, aqui não tem muito do remédio que nós conhece, tem plantinha que nós plantemos aqui, eu tenho e conheço, algum remédio de mato, eu conhecia muito onde nós morava, aqui eu conheço pouco. (Anciã Brasileira, aldeia *Kuxonety Poke*’é, 2024).

Na fala da anciã podemos perceber que a farmácia tem sido mais forte e o povo não prepara os medicamentos tradicionais, o que se observa é que alguns não conhecem os medicamentos da reserva.

As ervas medicinais eram difíceis de encontrar, pois não havia nenhuma espécie conhecida de quando estava na aldeia de origem. Os Terena passaram por um processo de conhecimento: a vegetação diferente, o clima diferente, até os animais no território. O povo ficava surpreso de ver tantas espécies diferentes que na aldeia de origem não se viam mais, raramente encontravam um deles passeando, o que era muito difícil de se ver. O povo tem costumes bem peculiares que foram adotados pelos não indígenas, como o hábito de tomar tereré e chimarrão. Há anciãs que gostam muito do chimarrão, uma tradição muito antiga: quando é tomado o chimarrão, são colocadas ervas medicinais para prevenir certas doenças e é servido quente; já o tereré é servido gelado e também podem ser colocadas ervas medicinais do povo, a depender de quem preparar e tomar.

Os saberes ambientais Terena estão conectados a um Bem Viver que não tem sido fácil diante de vários impactos sofridos na cultura e na natureza, desmatamentos no território, presença da religião cristã, entre outras ações.

O Bem Viver se refere a uma ideia de estar baseada nos conhecimentos dos povos originários, valorizando a diversidade cultural, interculturalidade e plurinacionalidade,

respeitando o modo de vida de cada indivíduo e valorizando a natureza sem destruí-la. A base do Bem Viver é indígena, portanto, tudo que se refere à natureza e ao modo do Bem Viver está ligado aos povos indígenas. Para Alberto Acosta (2016), o “Bem Viver” é uma filosofia em construção e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas está presente nas mais diversas culturas. Estar em harmonia com a natureza é algo recíproco, dá-se uma visão ampla de alternativa de vida valorizando as lutas e as histórias, a experiência local, fortalecendo os saberes ancestrais, interagindo em diversos campos de uma convivência entre o ser humano e a natureza. E reafirma:

O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador.

Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis (Acosta, 2016, p. 22)

O Bem Viver e o viver melhor são termos que diferem, ou seja, Bem Viver provém de uma proposta ancestral da qual podemos ter uma complementação entre a harmonia e reciprocidade entre os povos, devemos salientar que cuidar de natureza e dos animais é cuidar de nós mesmos no futuro pois fazemos parte dela. A ideia de ‘viver melhor’ vem de uma sociedade capitalista, refere-se ao consumo, possuir bens materiais, condições financeiras, um termo que não condiz com a realidade dos povos originários. O Conselho Indigenista Missionário pontua que

O modelo capitalista promove a concentração de bens e riqueza nas mãos de pouco privilegiados que priorizam as regras da competitividade, da lucratividade e do ideal individualista de “ser dar bem na vida”. A falta de respeito com o diferente e com todos aqueles que possuem maneiras das elites, das quais a brasileira destaca por ser acidentalmente conservadora.

E diante desse sistema que gera tamanhas injustiças e desigualdade, os princípios do Bem Viver nos levam a cultivar as relações de reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida. Encontrar alternativas nesse sistema opressor e construir relações solidárias é os desafios colocados para todos que acreditam em mundo diferente, (Jornal Porantim, 2015.)

O Bem Viver Indígena é algo de si mesmo, cada povo tem sua maneira própria de viver, a relação entre o ser e a natureza é própria do indígena, somos educados para sermos protetores da natureza e o respeito que temos com a floresta é nato. O capitalismo não está em nós, os povos indígenas vivem em plena harmonia com a natureza. Mesmo que façamos uso das tecnologias, dos recursos financeiros, da farmacologia, mesmo que precisamos de recurso econômico, nosso sentimento com a natureza é diferente, não temos acúmulo de terras como os

latifundiários, o que fazemos no território é sempre pela nossa sobrevivência em conexão com a natureza.

Ao refletirmos sobre o Bem Viver indígena, vale lembrar as palavras da autora Nort:

A única solução possível e efetiva para o planeta não são as mudanças proposta pelas indústrias. É a mudança de cosmovisão. A cosmovisão indígena é a mais sustentável e a mais eficaz. Os verdadeiros guardiões da terra mais produtiva, ou seja, a terra coberta pela floresta são os povos originários. Eles não destroem as florestas não desequilibra o meio ambiente (2022, p, 19)

4.2 Outras terras, outras paisagens, outras formas de viver: Conflitos, negociações e contradições em busca da defesa do Território

Nosso território em Mato Grosso é Terra Indígena Iriri Novo, e ele vem sofrendo grandes impactos com relação a natureza. Em nosso entorno há inúmeras fazendas, muitas delas tomadas pela agropecuária, sendo que uns desses problemas têm afetado o ambiente em que vivemos. O rio Iriri tem sofrido com esses impactos, nos últimos anos, o nível do rio Iriri baixou muito, e neste ano de 2024 não conseguiu encher, pois a chuva foi pouca.

Lembro que alguns anos atrás, o rio enchia tanto que suas águas saíam para fora, o clima mudou. Estávamos acostumados com a enchente do rio, mas este ano a chuva não foi suficiente. Já estamos preocupados algum tempo, mas este ano essa situação foi mais preocupante porque dependemos de água para sobreviver, para a pesca e para a caça que fica na margem do rio. São visíveis esses problemas que estão afetando nossa floresta.

As fazendas vizinhas com suas plantações em grande escala não estão se preocupando com a nossa população, o agronegócio afeta diretamente a nossa natureza, podemos perceber que o mundo pede socorro, principalmente nas aldeias que são próximas das fazendas, até as vidas das pessoas da comunidade estão em risco, pois todo os agrotóxicos que são passados nas lavouras, quando vem a chuva, escoam para o rio.

Nos deparamos com essa realidade que pode afetar nossa saúde, pois as pessoas da aldeia escutam aviões jogando veneno nas plantações para matar os insetos que estão afetando a sua colheita, ao entardecer sentimos o odor forte de veneno das plantações das fazendas que ficam próximas da aldeia, situações que nos deixam muito preocupados e com medo. Acreditamos que o mundo capitalista está cada vez mais desenfreado, o capital cega e só tem ganância. Não pensam na humanidade, no bem estar, vivemos no mundo no qual as vidas não

importam mais, a destruição das florestas afeta a população mundial e os acontecimentos catastróficos com a natureza acontecem.

A alteração do clima está em alta, há desequilíbrio na natureza, enchentes que a população humana não consegue controlar, a natureza só responde quando ela está sendo afetada, machucada. É o que está acontecendo no mundo atual, não é culpa da natureza, os acontecimentos trágicos no mundo são apenas a ação dos seres humanos em busca do capitalismo. Todos esses acontecimentos nos levam a fazer uma reflexão. Segundo Ise Assessoria.

Quando transformarmos todos os recursos da Terra em matéria-prima para a indústria, eles se esgotarão. E aí será o *apagão* da economia, porque o sistema produtivista-consumista está programado para funcionar até o esgotamento de suas fontes de matéria-prima e energia.

Ninguém consegue prever com certeza quando será esse *apagão*, mas é certo que a produção e a acumulação de riqueza gastam muito mais recursos do que a natureza consegue repor. Apesar das advertências, a receita econômica é a mesma: produzir, consumir e crescer sempre! Isto porque o sistema de mercado só funciona ao produzir mais riqueza. O pior é que a economia de mercado produz luxo e lixo. Retira os recursos da Terra, aproveita uma parte e descarta a outra em forma de lixo. É todo tipo de lixo: industrial, nuclear, venenos agrícolas, gases de efeito estufa e outros materiais que a natureza não consegue reciclar. E assim a espécie humana vai alegremente destruindo a vida do Planeta porque acredita piamente que um dia a tecnologia vai resolver o problema da escassez de recursos e que nossos descendentes serão ricos e felizes para sempre. Este é o mito do progresso sem fim, que embala os sonhos de tanta gente pelo mundo afora...

É aqui que entra o *Bem-viver* como uma alternativa econômica ao sistema produtivista-consumista. Se a Terra não é um grande depósito de recursos naturais a serem explorados para produzir riquezas, mas sim a mãe de todas as espécies de vida – a *Pachamama* – o modo de produzir os bens de que precisamos para viver tem que ser inteiramente diferente. Em vez de extrair / transformar / consumir / descartar, a economia deve ser regida pelo princípio do respeito à Terra. Ela é mãe generosa, mas não é rica. Mãe que nada nega a seus filhos e filhas, mas nós – como crianças mimadas e insensatas – exploramos a generosidade da mãe, tudo exigindo e nada retribuindo. Mesmo adoecida e desgastada como está hoje, a Terra continua a nos oferecer tudo aquilo que durante milênios produziu e conservou em seu seio. O *Bem-viver* propõe então outra forma de relação com a Terra: uma relação regida pelo respeito aos Direitos da Terra. (Dossiê Bem – Viver, p. 41-42).

Entendemos que o que afeta nosso território está afetando o mundo, é o capitalismo desenfreado que provoca a destruição do planeta. Mesmo observando os impactos ambientais, vivemos em um território muito bonito e estamos vivendo bem, ainda que preocupados porque algumas ações não são certas. Os pontos positivos foram primordiais para a adaptação do povo na região, entre os quais, muita caça, peixes, terra produtiva para plantio, esse foi o objetivo do ano de 2004.

No início das moradias no território indígena Terena, tudo era muito difícil, um lugar desconhecido, pois o meu povo veio migrando de Mato Grosso do Sul, encontramos matas

nativas de grande porte, coisa nunca vista pelos Terena, o povo estava acostumado com o cerrado, um lugar de pouca caça e tinha apenas um córrego próximo. A aldeia do território atual está no bioma amazônico, clima diferente do qual estavam acostumados.

No tempo de chuva, o acesso para as aldeias Terena era difícil, formava atoleiros e os carros não conseguiam chegar. No ano de 2009, na aldeia *Turipuku*, aconteceu um fato que assustou e deixou o povo Terena com receio da mata: como estavam em fase de adaptação e conhecendo a área, era tudo muito novo, um jovem rapaz indígena se perdeu na mata, o jovem *Pahukoty* tinha 16 quando saiu com seus dois irmãos para pescar e o jovens se perdeu na mata, ficando 13 dias perdidos.

O povo Terena entristeceu e as comunidade Terena e aldeias vizinhas, o povo *Kayapó* e Panará ajudaram na busca. Nesta união a busca pelo jovem perdido durou longos dias, todas as manhãs até ao entardecer grupos de indígenas saíam para procurar o jovem, cada grupo ia em uma direção diferente. Com o passar dos dias, a aflição tomava conta da mãe e parente do jovem, acionaram o corpo de bombeiros que, com o helicóptero, sobrevoou o território sem sucesso na busca. Q Depois de uma semana, os guerreiros que ajudaram na busca começaram a vencer pelo cansaço, a mata é muito extensa e sem saber onde poderia estar, alguns começaram a desanimar, mas outros com pensamentos positivos continuaram a procurar.

Para alegria do povo Terena, veio a tão esperada notícia: o jovem conseguiu sair na margem do rio que fica próximo à aldeia Panará, os indígenas do povo Panará que estavam vindo de outra aldeia, e que haviam sido informados do desaparecimento do jovem, quando o avistaram e o resgataram, sabendo eles que era o menino que tinha se perdido na mata levaram para sua aldeia, o alimentaram e avisaram os Terena que haviam encontrado, ficando treze dias perdido na mata. Ele estava fraco, havia perdido peso e desidratado, seus pés estavam com espinho, o tênis que calçava quando se perdeu deixou para trás, ao caminhar mata adentro o tênis começou a machucar os pés. Essa história foi contada para mostrar que tivemos de nos readaptar, tivemos de aprender sobre a mata, os animais, sobre esse outro lugar que hoje é nosso.

O *Pahukoty*, em entrevista, relatou o que sentiu quando viveu essa experiência da época de jovem:

Eu queria matar o mutum, pensei que a mata era igual a dos meus avós que moram em Mato Grosso do Sul, que é cerrado, jamais pensei que poderia ficar perdido, foram dias muito difícil, ao entardecer pegava folhas de palha e ficava dentro do oco das

árvores, tem algumas árvores que são grande o grossa colocava as palhas ao redor como se fosse proteção para me proteger dos animais e da chuva, como me perdi em setembro é época da chuva, e ficava ali até amanhecer... eu andava perto do Corguinho, tinha medo de ficar com sede e não achar mais água pra mim beber... a mata é muito extensa, há muitos animais e peixes, um lugar com grande biodiversidade, você não consegue ver nada apenas árvores... quando estava com fome colhia fruto do mato e palmito como eu tinha comigo um facão, cortava e comia... mais não é fácil, fica perdido, passei por momentos bem difícil... conversava com meus ancestrais, e foram eles que me deu força, mais tinha comigo que ia sair não sabia como.... até que sai no rio do povo panará... eu nem tinha noção que a minha comunidade estava me procurando graças aos espíritos dos nossos ancestrais que me guiaram e me protegeram..." e hoje to aqui pra contar a história que aconteceu comigo. (*Pahukoty*, 2024).

Percebe-se que na fala do *Pahukoty*, que o ambiente e território é muito diferente da qual os Terena estavam habituados, no novo Território que é T.I. a partir de então começam a conhecer as grandezas da floresta amazônica, uma terra que possui uma variedade de animais e plantas nativas, podendo construir as casas e consumir alimento da caça e da pesca. Hoje *Pahukoty* é o Professor Mestre em ensino em contexto indígena intercultural, professor pedagogo, trabalha atualmente com os alunos *Kayapó/ Mebengokre* a nove anos, ele é o professor Rosenildo Pereira, o jovem *Pahukoty*, que ficou treze dias perdido na mata.

Aprendemos que a mata amazônica é rica em palmeiras de palmito, de açaí, e com o passar dos anos, no ano de 2009, havia indígenas desempregados sem uma renda fixa para seu sustento. O cacique e liderança na época permitiu a extração de palmito, de açaí, e a finalidade era alcançar as pessoas que não tinham renda salarial. Essa extração de palmito para venda não era uma boa ação, ao passar dos anos concordaram também de extrair madeira, pois a floresta era imensa e então acreditou-se que vender madeira poderia ajudar as pessoas que estavam desempregadas. No acordo que fizeram seria por um determinado momento. Essa é uma situação que não ficamos felizes de relatar, mas que aconteceu por uma necessidade.

Porém, com o passar dos anos, a comunidade reuniu-se novamente e decidimos em assembleia geral que a extração de palmito e de madeira não seria mais realizada, essa prática foi proibida em todas as aldeias Terena.

Este não é um fato simples. Primeiramente, porque a vida econômica era muito difícil; segundo, meu povo não conhecia aquele ambiente, e também sempre houve uma pressão muito forte dos compradores de palmito, açaí e de madeira na Amazônia brasileira. É uma situação que reconhecemos não ter sido a melhor, mas ao mesmo tempo sabemos das pressões constantes que os povos originários sofreram/sofrem, e a falta de assistência para conseguir o que necessitavam levou a essa situação.

Foi decidido entre os Terenas que precisávamos de outra solução, de forma adequada sem prejudicar a natureza e a nós mesmos, assim com o apoio de órgão competentes. Nós Terena estamos em um novo momento buscando alternativas de etnosustentabilidade e projetos novos para a conservação do meio ambiente e do nosso próprio povo. Neste sentido, almejamos sensibilizar a escola e comunidade para este novo momento:

Os problemas ambientais se manifestam em nível local. Em muitos casos, os residentes de um determinado local são, ao mesmo tempo, causadores e vítimas de parte dos problemas ambientais. São também essas pessoas quem mais têm condições de diagnosticar a situação convivem diariamente com o problema e são, provavelmente, os maiores interessados em resolvê-los (Marcatto, 2002, p.12).

Existem contradições em todos os lugares que vivemos, e também há cooptação de indígenas em diferentes situações. Como estamos trazendo a questão da educação ambiental e as preocupações em relação ao meio ambiente e à situação climática do mundo, não poderíamos deixar de fora nossa preocupação em relação aos problemas internos em nossa comunidade. Infelizmente, uma situação que afetou e que afeta diretamente o nosso território são as contradições de algumas lideranças que não representam o coletivo do povo Terena. E é com tristeza que temos que reconhecer uma problemática vivida em nosso território e que contribui para o impacto ambiental: estou me referindo a exploração de madeira ilegal dentro do território.

Mesmo com a decisão de não extrairmos madeira, açaí e palmito do nosso território para venda, infelizmente, foi descoberta em 2023 uma exploração de madeira (Figura 13) sem o consentimento do povo Terena, ação de algumas pessoas.

Figura 13 - Imagem mostra a exploração de madeira ilegal na reserva Indígena Iriri Novo



Fonte: Professor Rosenildo Pereira (2023).

Uma minoria de líderes e membros da comunidade aceitaram essa situação, mesmo sabendo dos problemas que poderiam causar, e consentiram a exploração, desrespeitando a maioria dos membros que foram contra essa extração ilegal. Em consonância com os professores e pessoas que estavam contra essa situação, a problemática foi assumida pela comunidade e também levada para a escola. Os/as professores/as e alunos/as incluíram essa pauta no currículo desenvolvendo, por meio da pesquisa, o trabalho com a educação ambiental. Acreditamos que abordando esse tema na escola, a comunidade em si e os estudantes se sensibilizariam com a problemática. Foi uma maneira que os professores acharam para conscientização do meio ambiente no território.

Temos buscado alternativas para reverter a situação de exploração de madeira, mas os envolvidos nessa ilegalidade foram irreduzíveis, e por isso foi preciso acionar os órgãos competentes para solucionarem os problemas. Entidades como FUNAI, IBAMA, Ministério Público, SEMA, Instituto Kabu e Instituto Raoni foram acionadas para auxiliar a comunidade, pois muitos desses madeireiros já tinham se instalados nas comunidades indígenas a mando dos Caciques que faziam parte do acordo entre eles.

Como a situação estavam se agravando cada vez mais, foi preciso levar às instâncias competentes para nos auxiliarem, assim, emitiu-se um documento ao Ministério Público Federal com a ajuda do Instituto Leverger para a investigação de extração de madeira ilegal na terra Indígena Iriri Novo. A tristeza é ter de reconhecer que há indígenas envolvidos nessa ilegalidade, e um dos fatores que levou a tal denúncia foi o desrespeito ao território e à coletividade, pois os envolvidos não respeitaram o documento acordado em reunião. A comunidade Terena formulou um documento pedindo aos madeireiros para se retirarem do nosso território com seus maquinários, os indivíduos indígenas envolvidos foram chamados a atenção. Essa situação afetou de diversas formas toda a comunidade, pois enquanto alguns concordavam, outros se opunham. Por fim, com muito diálogo e insistência ficou decidido entre a comunidade não explorar a extração de madeira.

O representante da Funai junto com Instituto KABU, uma organização indígena, formada por 12 aldeias (TIs), Baú e Menkragnotire, quando estiveram na aldeia Inamaty Poke'e fazendo uma vistoria em sua área que fica na divisa com a reserva Terena, chegaram até a aldeia Inamaty para dialogar e fazer uma reflexão juntamente com o Cacique Pedro Cruz e suas lideranças, pois já tinham sido informados de ilegalidade na Terra Indígena Iriri Novo. Como

os parentes vizinhos já sabiam do acontecido, pediram para as lideranças Terena para não prejudicarem o território, em suas fala ressaltou a importância do nosso meio natural dizendo:

Eu conhece a sua história, a história de vocês, vocês sofreram pra chegar até aqui, vocês não pode fazer isso, vocês tão destruindo o que conseguiu, isso não é bom, vocês tem filhos e netos, o que vocês vão deixar pra eles se vocês destruir tudo, nada, pensem no que estão fazendo, vocês ficaram muito tempo lutando pra conseguir sua terra não pode fazer isso” (Ancião liderança do povo Panará, 2023).

O Povo Panará contribuiu para a sensibilização de nosso bem mais precioso, nosso próprio território, lugar de onde tiramos os nossos alimentos. Precisamos da natureza, tudo nela gera a vida e de sua matéria-prima confeccionamos os artesanatos e fazemos nossas casas.

Quando realizado um diálogo aberto com nossos vizinhos parentes Panará e Povo *Kayapó*, a presença deles na aldeia Terena foi de suma importância, abordaram o assunto de trabalhar de maneira consciente, e o representante da FUNAI sugeriu aos líderes desenvolver projetos sustentáveis que pudessem ser de acordo com a realidade da aldeia, ficando à disposição da comunidade na elaboração de projetos.

Além dessa problemática, outros fatores levam ao impactos ambientais no Território Indígena Terena como as queimadas. Na época da seca, as fazendas vizinhas colocam fogo em suas propriedades para fazer o plantio, e as queimadas de uma forma ou de outra chegam até nossa reserva, o fogo afeta diretamente a biodiversidade, deixando suas marcas dolorosas tanto para a floresta, os animais e para comunidade. Essa ação de queimada iniciou no ano de 2018.

Em 2023 houve uma queimadas drásticas na Terra Indígena Iriri Novo, muitas árvores de grande porte foram queimadas e animais feridos com o fogo que foi causado por uma árvore que caiu em cima da rede elétrica, a comunidade ficou coberta pela fumaça prejudicando as vias respiratórias dos moradores das aldeias. Os órgãos competentes foram acionados a respeito de tal fatalidade e do desastre ambiental, mas não fomos atendidos, e quem sofreu com esse problema foram os moradores que não tinham o que fazer. A reserva é imensa, precisavam de um auxílio para acalmar o fogo, mas infelizmente não se teve o que fazer, e parte da reserva foi queimada.

Para o alívio da comunidade e do representante da aldeia, a chuva salvou a comunidade. Ela caiu no momento certo quando a comunidade estava passando por um momento muito difícil, idosos e crianças eram os mais frágeis, assim a chuva acalmou o desastre que a queimada poderia causar por completo. Contabilizamos que as queimadas prejudicaram uma parte, mas

felizmente, mais uma vez, a natureza faz sua ação, ela só dá a resposta quando provocada tanto em termo negativo ou positivo. Acreditamos que a chuva veio porque pedimos muito para que chovesse, essa conexão foi algo sagrado, pois o tempo não indicava chuva e de repente ela desceu do céu.

Dentre as ações que trazem impactos ambientais negativos, a comunidade adotou a prática do arrendamento em suas áreas, uma vez que também é um auxílio ou fonte econômica para o povo, apesar de termos consciência de que não é a melhor ação para ajudar na subsistência econômica.

A criação de gado entre os Terena se faz presente, apesar do arrendamento ser em seu território, a maioria do povo tem adotado essa prática dos não indígenas, obtendo o conhecimento e a habilidade da pecuária. No valor do arrendamento, o arrendatário pagava uma parte em dinheiro outra em gado, assim a comunidade começou a trabalhar com a criação de gado para o sustento da família. A pastagem causa impacto ao meio ambiente, mas procuramos não fazer desmatamento total e a quantidade de gado que temos são para leite e nossa alimentação. Ladeira e Azanha (2021), sobre as atividades produtivas dos Terena:

A despeito da “vocação” Terena para a agricultura, este povo jamais deixou de exercer a atividade de criação de gado, cacum e cavalos, ocupam o que herdaram, para depois assumirem como própria, na sua prolongada convivência com os Mbayá-Guaicuru. Este conhecimento foi fundamental nos anos subsequentes à guerra com o Paraguai, para inserção de muitos Terena como colonos e peões preferenciais das fazendas da região.

Outrora, o acesso às reses parecia estar restritos aos naati – chefes de grupos locais que tinha a prerrogativa de receber, através da troca de suas mulheres com os “maiorais” Mbayá, bois e cavalos. Hoje, este acesso restringe-se aos Terena “bem sucedidos” isto é que conseguiram dinheiro suficientes para comprar algumas reses, seja através dos longos anos na changa ou seja por meio de emprego qualquer no mundo dos purutuyé. Mas a criação é ainda sinal de status elevado dentro das reservas indígenas (Ladeira e Azanha, 2021).

Além de mexer com o gado, outra ação por nós desenvolvida são as roças mecanizadas, atualmente a comunidade faz a preparação do solo com auxílio do trator para gradeação, facilitando o seu trabalho (Figura 14). O trator é de toda a comunidade, i.e., o uso é coletivo.

Figura 14 - Uso do trator para preparação do solo



Fonte: Professor Messias Clementino Rondon (2023).

A roça é uma prática cultural do povo Terena que, com o passar dos anos, sofreu transformações. Para essa atividade, precisamos de área aberta para o cultivo de plantas para o consumo:

Atualmente, confinados nas Reservas – fator fundamental para as transformações ocorridas em sua agricultura tradicional – os Terena possuem campos de cultivos permanentes, utilizando – se da mecanização (tratores para gradagem, preparo da terra, para plantio, e eventualmente para abertura de novas áreas permanentes de cultivo. As práticas atualmente utilizadas são adaptações posteriores a esta “modernização” forçada. Das atividades continua sendo a sua principal atividade (Ladeira; Azanha, 2021)

A roça é uma das práticas do povo Terena que veio de seus ancestrais. Podemos observar que as roçassão feitas em uma área específica para o plantio, exigem a preparação de uma espaço para receber os plantios e, nesta área, são desmatados e queimados os vegetais que estão nela, é uma ação que o povo faz para poder extrair da terra o alimento. Essa ação é feita de maneira consciente, pois quem prepara a terra tem o cuidado para não afetar o meio ambiente, sabemos que não podemos prejudicar a natureza, assim seguimos as práticas que os ancestrais já praticavam, como relata o ancião Antonio Jorge sobre as plantações e alimentos para o povo:

Eu gosto de fazer isso, talvez alguém lembra de mim no que já fiz, falo pros meus netos, mais eles não ligam, os jovens não dão valor na roça, nisso daqui. Mais eu falo uma coisa dá trabalho, todo dia tenho que limpar um pedacinho para ficar limpo, e também os porcos que sempre comem a mandioca, tem que olhar sempre, tenho prazer de estar todo dia aqui cuidando desse meu pedacinho, talvez alguém lembre desse velho aqui, isso daqui vou deixar (2024).

O cultivo de plantas e a roça fazem parte da prática do povo e são passados de geração em geração. Inicialmente, o plantio era feito no sistema roça de toco, mas aos poucos fomos aprimorando com outras tecnologias, como o uso do trator. Hoje, as plantas cultivadas na roça

são ainda aquelas que vieram dos nossos ancestrais, a diferença é que procuramos agilizar e facilitar o trabalho na preparação da terra.

Das principais plantas cultivadas pelos antigo Terena cabe mencionar como mais importante o milho, a mandioca, o fumo, a barata doce, o algodão, o cará, e várias espécies de abóboras. Os Terena conheciam diversas variedades de milho. O milho amarelo, huanketi'soboró: milho branco, heopuiti-soboró: o milho grãos mistos, cuati soboró. Uma outra variedade, de mesma espiga longa e grãos muito macios" eram denominada de soboró simplismente. (Bittenkurt e Ladeira, 2000, p.132)

A prática da roça é um momento de grande importância para o povo, cada semente jogada no solo carrega o significado da ancestralidade, tornar real para fortalecer nossa vivência como povo originário e promover a segurança alimentar e a conservação do território. Portanto, a roça tem sido o sustento de algumas famílias Terena e os alimentos cultivados na roça são saudáveis e sem uso de agrotóxicos (Figura 15). O plantio por local gera um equilíbrio na natureza, pois é feito de forma consciente em pequenas áreas, sem degradar o meio ambiente.

Figura 15 - Momento do plantio de mandioca.



Fonte: Professor Messias Clementino Rondon (2024)

Reafirmo que a roça é uma prática do povo Terena que herdamos dos nossos ancestrais, na roça são cultivadas mandioca, abóbora, quiabo, melancia, milho e outros tipos e variedades de plantas que são consumidas na própria comunidade. Existem várias pequenas roças na comunidade (Figura 16), onde cada família é responsável por cuidar de sua roça, das sementes e ramas para o próximo ano. Quando determinadas e as famílias ficam sem sementes ou ramas, elas trocam entre elas, compartilhando umas com as outras.

Figura 16 - Roça de quiabo e mandioca.



Fonte: Messias Clementino Rondon, (2024).

A Figura 16 mostra a roça do professor Messias, junto com suas netinhas. Percebe-se que os saberes do cultivo do alimento passam por saberes que possam envolver as crianças tendo contato diretamente com a roça. A conexão é importante para compreender os saberes indígenas que venham contribuir com as crianças no seu processo de formação como cidadão/cidadã Terena; a vivência leva a entender e sensibilizar-se com a natureza, pois dela precisamos para nos fornecer o alimento que ela gera e o lugar para vivermos para o nosso Bem Viver. No tempo antigo, os Terena viviam apenas com os alimentos que produziam, mas isso faz muito tempo, na atualidade, ainda fazemos uso dos alimentos da nossa roça, mas existem outros que a comunidade indígena também consome, como os produtos industrializados que, são comprados e levados para aldeia.

Diferente dos alimentos que temos na nossa própria roça, esses alimentos industrializados geram o lixo doméstico, e o que ocorre é que não temos coletores de lixo nas aldeias, a aldeia não possui lixões deixando cada morador da aldeia sem alternativa para o descarte dos seus lixos. Os moradores fazem um buraco perto de casa jogando dentro, assim quando estiver quase cheio são jogado um pouco de gasolina no buraco e são queimados. Depois de queimados, são aterrados e tampados. Em seguida, outro local é escolhido e o buraco é feito novamente para novos descartes de lixos. Não é a maneira correta, mas foi uma alternativa para que os lixos não ficassem jogados nos terreiros e nas estradas da aldeia.

Também analisamos como impacto ambiental e cultural a presença da religião cristã entre os Terena. Uma influência muito forte na nossa comunidade indígena, pois 96 % são evangélicos e muitas práticas da cultura Terena foram esquecidas ou sofreram influência por esse motivo. Os professores e professoras da aldeia buscam o fortalecimento e a escola foi uma aliada para revitalizar e desenvolver uma didática para os alunos e alunas compreenderem a importância e valorização dos saberes ambientais que foram esquecidos.

Assim, mesmo em meio a conflitos e negociações, o povo Terena organiza-se para continuar lutando e a escola tem sido parceira no trabalho de Educação Ambiental em defesa do território e de nós mesmos. São saberes ambientais que são valorizados entre os Terena como as confecções dos artesanatos, os remédios tradicionais que são feitos pelos anciões, a preparação da terra e o cultivo de alimento feitos com todo o cuidado e conhecimento tradicional, e uma constante luta para não termos a situação de exploração do território para o capital.

5. EDUCAÇÃO AMBIENTAL INDÍGENA TERENA, CUIDADOS COM O TERRITÓRIO E A INTERCULTURALIDADE.

Na construção deste texto, compreendemos que à medida que as situações na aldeia acontecem, escola, professores e professoras engajam-se no movimento de levante, seja para a defesa, para o fortalecimento do povo Terena ou ainda para o cuidado com o Bem Viver, por meio da valorização de suas cosmologias, sua cultura, seu legado. Nesta seção, conheceremos a escola lócus deste estudo.

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Indígena Terena De *Komomoyea Kovôero*, uma escola que agrega uma diversidade de alunos Terena, *Kayapó*, Xavante, Paresi e Panará, portanto, uma escola que dialoga com as pessoas de outras etnias e que sabe o que acontece no Território Iriri Novo em relação aos impactos ambientais. Na aldeia *Kuxonety Poke'e*, Terena Gleba Iriri Novo, Estrada E-60, localizada a 210 km do município de Matupá, fica a sede da secretaria da unidade escolar e a Diretoria Regional de Educação (DRE).

5.1 Apresentando a Escola, Memórias na construção de um currículo de EA.

A Escola Estadual Indígena Terena De *Komomoyea Kovoero* (Fig. 17) está localizada na Terra indígena Gleba Indígena Iriri Novo, conforme ato da criação 1538/2008, publicado em 21/08/2008, cuja sede fica na aldeia *Kuxonety Poke'e*. A escola é de madeira, com 10 salas de aula, e atende o Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio regular, Ensino de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio.

Figura 17 - Escola Estadual Indígena *Komomoyea Kovôero*

Fonte: Acervo da autora (2024).

Os professores atuantes são indígenas e tem como gestores não indígenas casados com Terena e vivem na aldeia. Conta com 153 alunos matriculados e atende sala anexa nas aldeias vizinhas *Turypuku*, *Inamaty Poke'e Kapoto* e *Kororoty*. A equipe escolar também tem zeladores, cozinheiras, bibliotecário e articulador. Os professores e os demais funcionários da escola são moradores da aldeia, os quais são comprometidos e possuem uma tradição específica e cultural do povo Terena. A comunidade em que a escola está inserida é organizada pela regência do Cacique da aldeia, tem um papel importantíssimo nas decisões da comunidade e unidade escolar, participa ativamente nas demandas da escola e comunidade, e é respeitado como autoridade absoluta entre seus pares. A escola e comunidade são aliadas e promovem a valorização da cultura, destacando os aspectos culturais do povo e da sociedade universal, e colaboradores em ações de Educação Popular Indígena Ambiental.

A escola atende alunos Terena, *Kayapó* e Panará, uma diversidade cultural que a escola agregou com outros povos vizinhos, são alunos e alunas de outra etnia somando não somente com os saberes Terena, mas com outros conhecimentos culturais. Para acontecer a pesquisa, os/as professores/as, alunos/as e a comunidade colaboraram com o desenvolvimento do trabalho, que contou com a participação de todos no diálogo para poder contribuir com os conhecimentos

A escola possui a reponsabilidade do ensino, portanto tem seu currículo próprio e, em vista disso, precisamos lutar pelos nossos direitos em busca de autonomia de nossas demandas específicas e diferenciadas que, muitas vezes, são barradas pelo sistema educacional brasileiro que não cumpre a legislação. O que temos observado é que a educação escolar indígena está cada vez mais difícil, pois os agentes do estado têm deixando a população indígena sem alternativas para realizar uma gestão democrática, justa, específica e diferenciada, uma vez que todos esses princípios dependem de uma vida cultural e ambiental assegurada dentro do nosso território, e o nosso território tem passado por problemas ambientais que afetam toda a comunidade.

Essa situação nos leva a fazer uma breve reflexão presente no Referencial Curricular para Escolas Indígenas (1998) que reforça que o ambiente dentro do nosso território armazena alimentos, plantas que curam enfermidades, madeiras para as nossas casas, colheita de frutos, caças para alimentação:

No Brasil, de forma genérica, as terras indígenas ainda são as que possuem essas características de harmonia e equilíbrio. Porém, as destruições em nome do progresso, a ganância do dinheiro, a falta de respeito aos limites e fronteiras dessas terras, as invasões, o uso predatório dos recursos naturais, são constantes e visíveis, e afetam cada vez mais as condições socioambientais desses territórios (Brasil, 1998, p.94)

É fundamental que essa relação de uso do que temos disponível no ambiente dentro do nosso território seja incluída na escola, que tem um currículo específico e que busca trabalhar o conhecimento cultural e também o universal, tornando-se uma escola intercultural. No entanto, ainda não conseguimos nos firmar como uma escola específica e diferenciada porque a gestão, juntamente com os professores, por vezes, atende conhecimentos do não indígena, dispensando e deixando os nossos conhecimentos tradicionais. Um dos fatores que levam a essa prática pedagógica é que os pais preferem os conhecimentos da sociedade envolvente. Nesse impasse, a escola despreza o conhecimento tradicional, relação que vem sendo mudada aos poucos, pois não podemos deixar de reconhecer que,

Os povos indígenas alcançaram avanços importantes em seus processos de autonomia, protagonismo e empoderamento etnopolítico. Tais avanços podem ser exemplificados por meio da construção de uma complexa e ampla rede de organizações indígenas, que na atualidade exerce papel vital de guardião dos direitos indígenas e da autenticidade do Brasil real em todos os níveis locais, regionais e nacional (Baniwa, 2019, p.18)

Entre esses avanços estão a educação escolar indígena e o movimento atual da escola, que é trabalhar os conhecimentos cultural e universal para construir uma interculturalidade pedagógica, sempre fortalecendo as práticas que fazem parte da nossa cultura. Esse movimento é expresso no que cita o autor Paredes:

Para fazerem frente aos problemas (e dificuldades) aqui elencados, as comunidades indígenas, sob o olhar típico da sua cultura, buscam na educação os conhecimentos e (ou) instrumentos necessários à contraposição das múltiplas formas de dependência a que foram submetidos. O modelo de escola que tem sido imposto às comunidades indígenas, como produto da doutrina liberal, tem uma face conservadora, visto estar a serviço da manutenção de uma sociedade capitalista e individualista, que visa somente à competição e ao mercado. No momento atual buscam a escola como espaço de luta, de confronto com as contradições, de desmistificação da ideologia dominante, que seja capaz de interpretar o significado da constituição pluralista de uma sociedade. Um ambiente concebido a partir do espaço e do tempo, em que acontecem as relações vinculadas às experiências do cotidiano, à vivência dos educandos e que os prepare para o enfrentamento das novas realidades, tornam essa escola uma parceira na implementação de programas de desenvolvimento local. (2008, p.68)

Assim, mesmo que tenha dificuldades, a escola na comunidade indígena é fundamental para desenvolver nossos conhecimentos tradicionais, principalmente mostrar caminhos e reavivar os conhecimentos que podem estar adormecidos. É também por meio da escola que valoriza-se o convívio cultural, a organização social e familiar, sempre em recuperação de nossas memórias. É importante destacar que o conhecimento da atualidade nos leva o acesso às informações, tanto nos conhecimentos técnicos e científicos que também devem ser alinhados em consonância com o currículo das escolas indígenas.

Nesse sentido, é necessária a implantação de projetos autossustentáveis na comunidade e reflexões sobre as relações com o meio ambiente na escola. São decisões que devem estar entrelaçadas com a necessidade e realidade de cada povo indígena, principalmente, quando se trata da conservação do meio ambiente que possibilite alternativas do *Bem Viver* à realidade do povo.

Os projetos aos quais nos referimos são para atender a realidade do povo, e também para a formação das crianças, para pensar a nossa relação com o território. É preciso registrar que a escola tem pensado em um currículo que dialogue com o território e com boas práticas ambientais já a algum tempo.

Recordo que a comunidade Terena começou, a partir do ano de 2014, a pensar sobre como melhorar as relações com o meio ambiente e a saúde, e isso surgiu do diálogo entre os/as professores/as ao trabalhar o projeto de hortaliças, que incluiu toda equipe pedagógica da escola. A intenção era de fazer com que os/as alunos/as tivessem uma refeição saudável e também promover o conhecimento das práticas agroecológicas através do contato direto com a terra e a preparação do solo para receber o plantio.

Outras atividades subsequentes foram realizadas em relação ao meio ambiente, uma delas realizada em 2023 pelos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, na responsabilidade da professora Telma Gomes, que resultou em uma apresentação para toda a comunidade presente (Figura 18).

Figura 18 - Apresentação de dramatização



Fonte: Acervo da autora (2023).

O assunto foi a proteção do nosso território e os problemas com queimadas, desmatamento e extração de madeira ilegal. Na apresentação à comunidade, os brigadistas são representados pelos alunos/as em amarelo e aqueles/as que estão de colete verde representam a equipe do Instituto do meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis (IBAMA). A dramatização demonstrou também a ação da retirada da madeira por trataores (Figura 19).

Figura 19 - Crianças da escola em apresentação sobre impactos ambientais.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Na apresentação, a professora, junto com os/as alunos/as, comentaram e mostraram os protetores da natureza. Realizou-se entre a escola e a comunidade um diálogo sobre as situações vivenciadas na Terra Indígena envolvendo as problemáticas ambientais. Outras ações foram desenvolvidas pela escola nesta mesma perspectiva.

Na próxima seção, são apresentados os resultados referentes à parte pedagógica da pesquisa desenvolvida pela autora.

5.2 Contribuições da escola e do povo Terena para a Educação Ambiental dentro do território e a construção do produto educacional

São várias as contribuições que o povo Terena pode oferecer para a Educação Ambiental, em defesa do território. Esta é uma ação bastante política que precisa ser trabalhada na escola. Nesse sentido, algumas atividades pedagógicas que entendo fazerem parte da educação ambiental serão apresentadas aqui. Inicialmente, expliquei aos alunos que muitas atividades das nossas aulas seriam desenvolvidas em razão da pesquisa de mestrado em desenvolvimento. Foram várias atividades, e algumas delas contaram com a participação de anciãos e diferentes ações pedagógicas, como desenhos, maquetes, etc.

Fez parte da pesquisa desenvolver um conjunto de aulas que abordassem as questões ambientais. Assim, os saberes e conhecimentos do território pelo povo Terena, e a comunidade e escola enquanto espaço de saberes compuseram a pesquisa que se desenvolveu a partir de

aulas e estudos planejados. As aulas realizadas estavam voltadas para a aprendizagem do ambiente, reflexões e cuidados ambientais.

A pesquisa iniciou no ano de 2023 quando expliquei sobre a pesquisa de mestrado e iniciei o trabalho com a temática Território e o problemas ambientais. Desde 2023, o ancião Antonio Jorge contribui com a escola levando os saberes ambientais e culturais aos alunos/as, uma ação voluntária do próprio ancião, a quem a escola incluiu nas atividades relacionadas aos saberes indígenas (Figura 20).

Figura 20 - Ancião com sua sabedoria e alunos plantando



Fonte: Acervo da autora (2023).

O seu incentivo em sala de aula abriu expectativas inovadoras nas questões da conservação e cuidados com o ambiente, e uma de suas atividades foi ensinar para os alunos como se planta, ou seja, as técnicas que aprendeu com seus pais quando era pequeno. O ancião explicou que na visão dele é necessário plantar as plantas frutíferas e outras espécies de plantas em um lugares específicos, mas que sempre fossem plantadas. As frutíferas, quando já tivessem produzindo os seus frutos, seriam consumidas pela própria comunidade. Na atividade coletiva, o ancião selecionou sementes de café, gueirobá, urucum, caju, abacate, manga e copaíba, e deixou essas sementes disponíveis para os alunos esconherem em qual lugar elas seriam plantadas.

Todos os/as alunos/as foram incluídos/as na prática do plantio, cada turma teve o seu horário determinado para ir até a casa do ancião, assim seguiram com uma alternativa de

aprendizado didático e prazeroso para os discente tendo na prática o ensino e aprendizagem com o ancião.

Depois que as crianças fizeram o plantio de sementes, essas sementes ficaram germinando na casa do ancião que fica do lado da escola, para onde as crianças sempre iam molhar e acompanhar o crescimento das plantas; quando elas ficaram grandinhas, levaram para suas casas para plantar. Segundo Carvalho (2004), a educação ambiental, ao desenvolver essas práticas com as crianças e também junto com os adultos, possibilita a formação de sujeitos ecológicos, que é a formação de pessoas que se preocupam com o meio ambiente, a natureza, e com o território onde vivem.

As aprendizagens de plantar e de selecionar sementes são bastante antigas e vêm dos ancestrais, fazem parte dos saberes ambientais do povo e podem ser trabalhadas dentro da escola. A escola deve trazê-las com sua sistematização, incluindo o especialista da cultura e o conhecimento da cultura tradicional, porque é um jeito de produzir mudas e depois plantar no território, nas nossas aldeias. Esses são saberes ambientais que foram aprendidos fora da escola.

O Referencial Curricular Nacional Para Escolas Indígenas (RCNEI), afirma que,

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural (Brasil, p. 22, 1998)

Na escola, a produção e o plantio podem ser ensinados por meio do conhecimento dos anciãos, junto com os professores e professoras da escola. Essa é uma ação desenvolvida já em processo de pesquisa, pois, de forma geral, na atualidade do povo Terena de Mato Grosso, passam por processo de revitalização, e a escola, por ser uma instituição educativa, tem total responsabilidade de agregar as questões tradicionais e a ciência em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). O PPP da escola traz o assunto questões ambientais indígenas e orienta que devemos trabalhá-lo no currículo escolar, em sala de aula ou em aula de campo.

Essa temática sobre o Território e problemas ambientais foi retomada em 2024, quando os/as alunos/alunas separaram os materiais como papelão, caixas de sapatos, garrafa pet e tampinha de garrafa para utilização nos trabalhos durante a semana. Expliquei sobre a reutilização de materiais como forma de diminuir a produção de lixo. A iniciativa de

reaproveitamento leva à uma reflexão sobre as atitudes individuais e coletivas, com ênfase na política dos 5RS: repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar.

A temática “Território Terena, Cuidados e Saberes Ambientais” teve como justificativa os impactos ambientais que ocorreram no Território. A proposta didática compreendeu, no trabalho junto aos alunos, o conhecimento sobre o Território e os saberes que se encontram nas diversidades da fauna e flora, além dos cuidados com a natureza e com o rio.

Impactos ambientais e educação ambiental na relação com as comunidades indígenas é o Bem Viver (Acosta, 2016). Mesmo com problemas de impacto ambiental, a educação ambiental indígena busca o Bem Viver nas práticas diárias próprias do povo Terena, em harmonia com a terra, com animais e com as árvores, com a cultura, com as nossas crenças e com nossos saberes. A terra é um organismo vivo para os povos originários, pois gera o alimento para o sustento e a nossa sobrevivência física e cultural. Neste sentido, o Bem Viver cria expectativas para transformação das ações dos seres humanos, protegendo o território e o planeta como um todo.

Dentro dessa proposta pedagógica, a partir das reflexões sobre os problemas com nosso território, os/as alunos/as propuseram fazer uma maquete, e essa maquete apresentou os impactos no ambiente e os problemas relacionados com a madeira que foi retirada da reserva e com o rio. Também foi feita uma maquete que representa o rio Iriri (Figura 21) e suas riquezas naturais, material pedagógico feito pelos alunos/as.

Figura 21 - A importância da água e a nascente do rio



Fonte: Acervo da autora (2024).

Os/as alunos/as deram continuidade na montagem da maquete e seguiram interagindo uns com os outros na prática de seus trabalhos, cada aluno/a ficou responsável por uma atividade, facilitando a execução do trabalho. Mesmo com a divisão da tarefa, alguns precisaram de auxílio na hora da colagem e montagem, mas conseguiram fazer as tarefas como desejaram. Como já haviam terminado os trabalhos de confecção da maquete, o dia seguinte foi de apresentação. Sobre o processo de observação, ouvi uma fala de um dos alunos dizendo que:

Não pode prejudicar a natureza, o rio precisa ser limpo, não pode jogar lixo no rio, não pode desmatar na beira do rio, quando nós fiz a maquete, colocamos as árvores, rios, animais, isso que nós colocou na maquete, pra mostrar para os colegas. Eu fiquei muito feliz de ter feito junto com meus colegas a maquete (Aluno 1, 2024).

Neste dia, os estudantes iniciaram as apresentações do trabalho. Expuseram e apresentaram as maquetes, e convidaram as pessoas da comunidade, colegas das outras turmas, professores/as e os/as funcionários/as da escola para prestigiar os trabalhos que foram desenvolvidos durante a semana. A maquete teve como foco o rio, a importância da preservação da nascente, priorizando sempre o cuidado de não jogar o lixo no rio Iriri que fica na nossa aldeia. E a fala dos alunos na apresentação da maquete foi de orientar a necessidade da proteção do nosso território e do nosso rio. O rio Iriri Novo é um dos afluentes do rio Iriri que desagua no rio Xingu, rios que ficam na região amazônica.

Também ouvi fala de uma aluna dizendo da relação cultural que tem com o rio Iriri Novo:

Eu conheço o rio e gosto de ir no rio, a prainha é bom, lá eu nado. Minha mãe e meu pai assam peixe, quando meu pai pesca e mamãe fica assando peixe e tem vez que ela leva arroz feito pra nós comer com peixe assado. Eu também pesco e eu fico brincando no rio com meus irmãos, quando não tem aula nós vai sempre lá. Na prainha não pode jogar lixo, tem de ser limpo. (Aluna 2, 2024).

O lugar ao qual a aluna se refere é um ponto de lazer da aldeia, é um local onde famílias e crianças se divertem com o contato direto com a natureza, desfrutando do alimento no ambiente natural. Por ser um ambiente de lazer do povo, quando as pessoas que não são da aldeia querem estar nesse lugar, esses visitantes precisam de autorização das lideranças.

Portanto, os/as alunos/as fizeram a apresentação sobre a importância da água para os seres vivos, mas também sobre o uso do rio nas suas vidas, a importância dos peixes e de todos animais. Apresentou-se também a importância das nossas riquezas naturais como: rio, árvores e a biodiversidades nela existente.

Os alunos em conjunto com os professores fizeram exposições das atividades observadas no meio ambiente, trazendo a temática dos temas transversais proposta pelo RCNEI para a escola e, posteriormente, para toda a comunidade. Nessa dinâmica, dialogamos com os pais e professores que estavam presentes, enfatizando a importância do cuidado com o nosso Território. O diálogo foi feito no intuito de conscientizar e sensibilizar para os cuidados com nosso território, e de como devemos olhar com mais sensibilidade para os problemas ambientais que afetam diretamente a natureza e o meio onde vivemos. Também dialogamos sobre o nosso rio, os problemas da crise climática, a grande seca de 2023, pois as atividades de desmatamento próximo ao território, e às vezes dentro do território, podem causar prejuízos à nossa vida.

Quando desenvolvemos trabalhos que propõem reflexões sobre o nosso território dentro da escola, construímos um jeito de fazer a educação ambiental indígena Terena, pois ao falar do rio, também falamos do jeito que usamos ele para lazer, pesca e alimentação.

A exposição foi feita pelos alunos em forma de maquete e cartazes, e nesta atividade foram envolvidas todas as turmas da escola e alguns pais se fizeram presentes. Quando se fala de educação ambiental, estamos falando propriamente de território e das diversidades da fauna e flora.

As maquetes apresentaram nossas riquezas ambientais, o rio, a mata, a flora e a fauna, mas também mostraram os problemas ambientais no Território Terena, entre eles, desmatamento e exploração de madeira. Na Figura 22, a maquete mostra caminhões de madeira retirando as árvores próximo ao rio. A atividade realizada com os alunos e a participação da comunidade levou a comunidade a refletir sobre o desmatamento e os impactos ambientais dentro do nosso território. É uma das preocupações do povo manifesta na fala da aluna:

Não pode derrubar a árvore, senão o rio seca, o peixe vai morrer, vai acabar as árvores, os bichos vão embora, tudo vai embora, então não podemos desmatar, muito ruim pra nós, temos muitas árvores bonitas, pode fazer casa, os animais a gente pode comer (Aluna 3, 2024)

Figura 22 - Mostra árvores nativas. Desmatamento exploração de madeira no território



Fonte: Miriam Turi Rondon, março de 2024.

O trabalho desenvolvido durante a semana resultou em uma aula reflexiva para a comunidade Terena, principalmente aos moradores da aldeia que puderam estar presentes e se sensibilizar com a temática dos problemas ambientais que ocorrem no mundo e também nas comunidades indígenas. Os/as alunos/as ficaram satisfeito/as com o desenvolvimento do trabalho.

Na segunda semana, o trabalho foi feito dentro da educação ambiental, buscando os saberes e identificando o nosso território no mapa de Mato Grosso. Iniciamos com a pesquisa na internet sobre o território Gleba Indígena Iriri com o uso do *Google Maps*, projetei o mapa com auxílio da televisão e expliquei sobre a nossa localidade. Os alunos viram a nossa área e os pontos de identificação de cada aldeia dentro do território. Focamos na importância do povo Terena no estado de Mato Grosso, na explicação foi identificado pelos alunos que o território está localizado ao norte de Mato Grosso, quase na divisa com o Pará tendo como expansão geográfica 52 mil hectares. Apenas 30 mil hectares são demarcados e homologados, o restante está em processo de demarcação. O trabalho de educação ambiental Terena na escola trouxe a preocupação com a preocupação com o marco temporal que ameaça os nossos direitos ao território. Nesta luta, temos representantes diretos dentro do movimento indígena da Federação Estadual dos Povos Indígenas de Mato Grosso (FEPOIMT). A Educação Ambiental Terena também procura fazer com que os/as alunos/as tenham conhecimento das relações políticas sobre o que está acontecendo e que pode afetar o nosso território e a vida do povo Terena:

[...]este tipo de educação está imerso nas comunidades, ela é uma educação-povo, numa perspectiva de saberes construídos de forma assistemática, determinados pela vivência, necessidades e relações que se engendram no dia-a-dia, os quais não são

formalizados, mas dialetizados. Portanto falar em Educação Ambiental é dizer de processos de aprendizagem e inter-relações que partem do próprio universo cultural das pessoas, refletindo nas ações e interpretações de mundo de cada um e de uma comunidade. Esses grupos educam-se pelas constantes interações culturais (Ferreira, 2007, p.3-4).

Fiz algumas considerações de aulas anteriores que também falavam sobre nosso T.I. e dos cuidados com a natureza, pois no território estão nosso universo cultural e nossa sobrevivência, e é de grande importância porque todos os seres que vivem nela se interligam, vamos aprendendo sobre o território e vivendo nele. Assim, fui explicando sobre essas conexões e do jeito Terena de viver em interrelação com o mundo. É preciso cuidar do nosso território ambientalmente, culturalmente e politicamente.

Como atividade de registro, os estudantes desenharam o mapa do território de Mato Grosso e identificaram os pontos importantes da aldeia e do T.I. no mapa. Também foram feitos mapas e observações dentro da nossa aldeia. Para a observação desenvolvemos algumas ações, entre elas, a realização de uma aula de campo para coletar informações através das observações e do olhar crítico construtivo, levando caderno, caderneta, celulares ou máquina fotográfica, lápis e borracha para registrar o local que nos cerca.

Os estudantes conseguiram identificar no território onde ficam o rio, as estradas de acesso ao rio e as três aldeias dentro do T.I., e a maioria dos pontos que foram identificados são árvores de grande porte.

Um dos espaços observados foi a aldeia e o seu entorno com a presença de matas nativas e plantações (Figura 23). Ainda que moramos na aldeia, muitas vezes não prestamos atenção onde moramos. Na observação, priorizamos alguns pontos de identificação que foram colocados no mapa pelos alunos/as, entre os quais a roça do ancião Jorge, e para chegarmos lá passamos por uma estrada de ponkan.

Figura 23 - Estrada que dá destino a roça do ancião



Fonte: Acervo da autora (2024).

O andar na aldeia observando é um jeito de Bem Viver, e a atividade possibilitou o contato com o meio ambiente em torno da comunidade Terena. Ouvir e ver o trabalho na roça é uma aula riquíssima de saberes indígenas Terena. Andar na aldeia e observar é estar também na natureza, pode-se dizer que com a natureza aprendemos a desacelerar e viver o presente, aprendemos também que a natureza nos fornece os alimentos, o ar que respiramos, sentimos, aprendemos a nos conectar e contemplar a natureza. Precisamos aprender sobre ela, sabemos tão pouco, devemos prestar atenção nas pequenas coisas que estão ao nosso redor, a natureza é viva, oferece tudo que precisamos, da casa ao alimento, do abrigo e da sombra, isso é o Bem Viver.

Primeiro nós fomos na roça, visitar a roça do ancião e observar o que tinha lá, tinha mamão, mandioca, café e tinha bastante coisa plantado, quando nós estava voltando pra sala eu peguei café que estava maduro, bem docinho que o sr. Antônio deixou, mas eu não vi o marimbondo que estava na folha, ele grudou na minha cabeça saí correndo. Mas eu gostei do passeio na roça conversamos com o Sr Antônio. Ele tava limpando a sua roça. E depois voltamos pra sala (Aluno 4, 2024).

Depois de andar pela estrada de ponkan, fomos em direção à roça (Figura 24). A roça do ancião que visitamos é organizada em pequenas divisões de plantio com mandioca, café, acerola, mamão, laranja e guariroba. Esses alimentos são consumidos pela família dele, vende para a comunidade e também para a comunidade externa. O importante é que essas plantações são orgânicas, sem o uso de agrotóxicos.

Figura 24 - Momento da observação



Fonte: Acervo da autora (2024).

Neste momento, os/as alunos/as fizeram observações. O destino era a visita na roça do Sr. Antonio Jorge, o ancião estava em sua roça limpando as suas plantas, e os recebeu com muito entusiasmo e aproveitou o momento para uma conversa. O ancião ressaltou a importância das plantas e os cuidados que devem ter, explicou que as plantas mais cultivadas pelo povo Terena de maneira ancestral são a mandioca e o milho, mas que hoje existe a introdução de outros tipos de plantio. O sr. Antonio Jorge comentou sobre as práticas culturais, sobre como se planta, como cuidar da terra e sobre a roça como um conhecimento ancestral.

Um momento significativo da educação escolar indígena junto com os alunos/as e ancião, pois conseguimos ter uma aula sobre os conhecimentos tradicionais do povo Terena, uma experiência que o ancião carrega dos seus ancestrais com o plantio e cuidado com o ambiente.

Dialogamos sobre a importância da roça tradicional com plantio de vários tipos de alimentos, e estabelecemos o que tinha dentro do nosso território. O uso inicial dos recursos tecnológicos da televisão com apresentação do mapa possibilitou aos educandos conhecerem o seu ambiente e o seu território, mas a observação do território (aldeia) também ajudou com a realização de atividades com desenhos (Figura 25). Através das ferramentas pedagógicas, os alunos prosseguiram com a atividade para identificar o nosso território no mapa. Os alunos demonstraram interesse e se sentiram motivados, percebemos sua empolgação ao mostrarem suas ilustrações. Assim seguiam com as atividades muito concentrados e dialogando sobre importância das árvores, dos animais e dos seres humanos.

Figura 25 - Momento da atividade de desenho de mapas



Fonte: Acervo da autora (2024).

No momento do desenho dos mapas, os alunos saíram da sala para ficarem no ambiente aberto da escola. O desenho do mapa traz muitas informações a respeito do lugar onde vivemos, nos permite também aprofundar os conhecimentos sobre algo que era desconhecido para nós. Pensando no desenvolvimento e conhecimento dos educandos, o conteúdo aqui proposto foi a representação da nossa realidade, uma contribuição para ajudar o aluno a compreender as relações dos seres humanos, fauna, flora e os biomas.

Eu conheço alguns animais aqui da nossa floresta, e nós comemos também, o porco do mato, paca, mutum são os que mais nós comemos. Das araras são tiradas a pena pra fazer cocar e brincos, a onça seu dente é usado pra fazer colar. Aqui na aldeia tem muitas árvores, o palmito de açaí também é um bom alimento, mais é muito difícil meus pais, tirarem pra comer, mais usado para fazer colar (Aluno 5, 2024).

Foi desta forma, pela observação de grandes árvores e dos tipos de árvores que inseri o conteúdo biomas brasileiros, para que eles identificassem que o nosso território faz parte do bioma floresta. Fez-se, então, uma junção dos conteúdos do território, fauna e flora, e para compreensão da atividade foi passada aula de vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=eEPabXAVzNA>) com biomas brasileiros e conjunto do ecossistema.

A aula com a exposição de vídeo possibilitou uma boa compreensão, com linguagem simples e duração de 12 minutos e 19 segundos, facilitou o entendimento do conteúdo, prendeu a atenção e deixou os alunos menos dispersos. Ao terminarem de assistir a aula, dialogamos para compreender a aula de vídeo; após o diálogo, seguimos com os desenhos associando o que aprenderam dos conteúdos e a importância da natureza para os povos indígenas e sociedade envolvente.

Refletimos que a fauna e flora podem contribuir com os seres humanos e que os seres humanos podem contribuir também com a natureza. Uma aula reflexiva que atraiu mais atenção, sensibilização e motivação aos cuidados com o ambiente. No vídeo também comentou-se sobre o bioma amazônico, momento em que os alunos/as conseguiram perceber que o local onde estamos faz parte do bioma amazônico, com o clima úmido e quente, tem uma diversidade grande de animais, várias espécies de plantas nativas, com todas as riquezas naturais que a Amazônia possui, mas também dialogamos sobre as ameaças que essa região tem sofrido.

Os/as alunos/as participaram e perceberam que na aldeia Terena tem muitas plantas nativas, e que outras foram plantadas pelos moradores da comunidade. O pequi é uma planta nativa, mas outras foram plantadas e também são comercializadas auxiliando na renda familiar.

O pequi é um alimento que é apreciado pelo Terena, a floração começa no começo do período da chuva, aproximadamente no mês de agosto a novembro. Os seus frutos quando estão maduros, em meados de novembro, e vão até fevereiro, dependendo muito do clima e da chuva. Essas informações foram comentadas com e pelos alunos/as, pois eles conseguem perceber a época da floração, pois está em seu convívio a coleta do pequi. Algumas pessoas da comunidade acabam vendendo o fruto para cidade.

Outra planta identificada pelos alunos/as foi o Buriti, lembraram que é feita a coleta e que a roupa tradicional Terena para a dança é feita com o broto dessa palmeira. O jenipapo também é uma planta nativa e seu fruto é usado para a pintura corporal do povo Terena, assim como o urucum. Portanto, são plantas que devem ser conservadas, pois o povo precisa para a tradição cultural. É importante ressaltar que o ambiente natural precisa ser cuidado.

Fizeram parte desta sequência sobre a aprendizagem com o território, sobre pensar o território, sobre pensar a floresta, atividades de leitura. Assim, distribuí uma cópia do texto “Herdeiros do futuro” de autoria do compositor Toquinho para cada aluno/a. Os/as alunos/as fizeram a leitura e refletimos sobre o texto. Entendemos o processo de trazer o texto de Toquinho como uma forma de interculturalidade em que os saberes se encontram dentro de uma mesma perspectiva, sustentada nos saberes indígenas e nas reflexões sobre a humanidade em relação ao futuro do nosso planeta. Como reafirma a autora Paula:

A interculturalidade quando pensada no cotidiano de uma escola indígena, está intrinsecamente ligada à questão dos conhecimentos...Essas ações pedagógicas, que tem a manutenção das alteridades, revestem-se de características diferenciadas segundo a cultura própria de cada sociedade indígena (1999, p. 78 e 80).

É importante expressar que o texto possibilitou refletir sobre a realidade que estamos vivenciando, os problemas ambientais no mundo inteiro, a música nos dá a esperança de dias melhores e de que podemos com nossas pequenas ações contribuir para que o mundo melhore. Pereira cita a importância da escola e dos seres humanos, numa só linha de pensamento:

Neste sentido, a educação vai muito além dos processos de escolarização, mas é o processo em que nos humanizamos e nos construímos como humanos. Essa perspectiva parte da vertente crítica na qual considera a educação nas relações humanidade – mundo. Por esse olhar, não há possibilidade de mudança sem educação (2022, p. 96).

Sabemos que o agronegócio tem destruído o planeta pelo capitalismo, mas as pessoas precisam compreender que já existe alimento suficiente no mundo, que a irrigação da soja também seca os nossos rios, que fazemos parte da natureza e assim parar de devastar a natureza, podemos adotar o Bem Viver nas nossas práticas diárias e assim vamos conseguir viver com a nossa mãe terra sem afetá-la. Essa problemática gera uma preocupação nas comunidades, gera tristeza porque até muitos de nós estamos perdendo o caminho. Conforme Boaventura (2019), são urgentes a agroecologia e a implantação de modelos alternativos de agricultura como resistências diante da realidade do agronegócio presente no estado de Mato Grosso.

A escola pode ser um lugar de trabalho com as crianças, buscando sensibilizar a comunidade e toda a sociedade envolvente a viver num mundo melhor. De acordo com Carvalho (2004), as pessoas se humanizam com trabalhos educativos de educação ambiental quando criam relações com o seu ambiente de vivência, criando identidade com o lugar e com as relações que são socioculturais. Aprende-se a cuidar do território se entender que tudo vem desse espaço em que vivemos, e assim é preciso respeitá-lo.

A música foi uma ferramenta pedagógica para abordar o assunto a importância da natureza em nossas vidas, e também nos levou a refletir sobre a fauna e flora; o questionamento presente no texto nos falou do futuro incerto para a humanidade e nos fez pensar o que irá acontecer com a humanidade. A música tem uma linguagem simples que emociona diante do questionamento sobre a realidade do mundo atual, dos problemas ambientais e é uma realidade que o mundo vivencia e os povos indígenas também.

É preciso dizer que os assuntos abordados são também assuntos do mundo inteiro. Ao compreender o texto, os/as alunos/as saíram da sala e sentaram embaixo de um pé de manga para cantar a música com auxílio de um som. Assim seguiu aula, ao estarem no ar livre, sentiram a importância das árvores, o ar puro, viram ao seu redor a natureza, cantando e refletindo sobre

o texto, a intenção ao cantarem a música era apreciar a natureza em si, com o vento fresco da natureza e uma melodia linda e apreciável. O texto trabalhado em sala de aula é aqui transcrito:

“Herdeiros do futuro” (Toquinho)
(Cantado pelo cantor Leonardo)

A vida é uma grande amiga da gente
Nos dá tudo de graça pra viver
Sol e céu, luz e ar
Rios e fontes, terra e mar

Somos os herdeiro do futuro
E pra este futuro ser feliz,
Vamos ter que cuidar
Bem desre país

Será que no futuro haverá flores?
Será que os peixes vão estar no mar?
Será que os arco íris terão cores?
E os passarinhos vão poder voar?

Será que a terra vai seguir nos dando
O fruto, a folha o caule e a raíz?
Será que a vida acaba encontrando
Um jeito bom da ser feliz?

A vida é uma grande amiga da gente...”

O texto aqui abordado nos levou a refletir junto com os alunos/as e eles também falaram o que pensam, depois desenharam o que foi abordado durante as aulas. Os desenhos foram baseados nos contextos que ocorreram durante as aulas e explicações, apresentações e vídeos, e ensinamentos do ancião.

São inúmeras as interpretações dos desenhos que foram feitos pelos alunos de forma oral, isso possibilitou o acompanhamento de cada aluno/a, o desenvolvimento cognitivo e a análise do mundo que se passa em seu interior. A medida que vai se criando o desenho, cada traço tem o seu significado, os desenhos trazem informações riquíssimas de um determinado assunto. O desenho é uma atividade pedagógica importante que auxilia os alunos/as a representarem sua compreensão sobre o território (Figura 26).

Figura 26 - Produção dos desenhos



Fonte: Acervo da autora (2024).

A maioria do trabalho foi desenvolvido na oralidade com os estudantes. Compreendo que os mesmos entenderam que a floresta passa por problemas decorrentes de impactos ambientais, como o desmatamento, as queimadas, o agropastoreio e a garimpagem no rio Iriri Novo (que não teve continuidade pela tomada de decisão do povo). Esse conjunto de fatores contribui com mudanças climáticas em toda parte do nosso planeta, uma ação do próprio ser humano. No entanto, o que ocorre no nosso território tem sido discutido pela comunidade, e algumas ações, infelizmente, ainda são praticadas para que possamos produzir a nossa própria sobrevivência.

Entendo que ao refletirem sobre tudo as aulas, vídeos, texto, ensinamentos do ancião dos cuidados ao meio ambiente, os alunos/as desenharam o que compreenderam das aulas, e à medida que foram terminando os desenhos, começaram a produção de textos. Por não terem muita habilidade com a escrita, encontraram dificuldades na produção, mas com muito cuidado e persistência, os textos foram escritos com o auxílio da professora.

A escrita é uma dificuldade, sendo que a sala de aula tem alunos/as Panará, kayapó e Terena, e eles tem saberes e culturas diferentes. Segundo Rondon (2021 p. 4): “Que o educador adota e acolhe as diferenças, respeita o modo de vida de cada povo”. E quando falamos dos impactos no território, todos se interessam porque é uma abordagem que está adentrando nas comunidades indígenas direta ou indiretamente.

Devemos como professor/a abordar o assunto com cautela e como, de certa forma, as aldeias que estão próximas estão sendo afetadas com os acontecimentos dos problemas ambientais que estão em nosso entorno. Quando tratamos de território, os nossos vizinhos

indígenas sofrem, pois fazem divisa com a T.I Gleba Iriri Novo. Algumas ações que acontecem no nosso território causam preocupações para nós povo Terena e também aos outros povos.

Entendo que as questões ambientais precisam ser trabalhadas na escola e devam ter como objetivo sensibilizar os alunos/as e toda comunidade e sociedade sobre os acontecimentos e os impactos ambientais decorrentes, não apenas dentro do território, mas, principalmente, as situações de desmatamento nas fazendas, as lavouras imensas de soja, milho, algodão e as indústrias da cidade porque são assuntos da atualidade e também precisam ser abordados em sala de aula, pois essas ações causam os maiores impactos no planeta. São conhecimento que os alunos precisam ter para compreender o que ocorre no mundo atualmente.

Primeiramente, a abordagem didática mobilizou o diálogo, a observação e a produção dos desenhos. Relembrei os desenhos dos alunos para produzirem textos de cada desenho que os alunos desenharam, esses desenhos dos saberes indígenas do povo, conhecimento sobre a educação ambiental sobre o qual dialogamos nas aulas anteriores das problemática ambientais.

Na terceira semana, iniciamos as produções dos textos, chegamos no momento do registro escrito, já que tínhamos trabalhado bastante na oralidade. Os alunos separaram os desenhos que foram produzidos por eles e assim começaram a escrita. Pude perceber que alguns estavam conseguindo fazer sozinhos, outros com pouca dificuldade, mas com bastante autonomia em suas produções.

Seguimos com as produções dos alunos/as, cada aluno fazendo o texto do seu desenho, dos saberes indígenas e do conhecimento ambiental e sua problemáticas. Para contribuir com as produções de textos, alunos/as dos 7º vieram também dialogar juntamente os alunos/as do 4º e 5º para ajudar nas produções da escrita. Nesta proposta, os alunos/as do 7º refletiram sobre as questões ambientais e saberes indígenas.

Assim, foram escrevendo sua próprias produções de textos, refletindo o que aprenderam e observaram de importante dos conteúdos que foram trabalhados durante as aulas. Ao desenvolver e criar as produções, eles mostraram na escrita riquíssimos saberes que estavam presentes em seus desenhos, mas tiveram dificuldade na escrita.

Para auxiliar na produção escrita, na correção, projetamos os textos na televisão para que todos os alunos pudessem contribuir e ajudar nas correções. Cada aluno explicando o que tinha feito e fomos prosseguindo nas correções. Assim que terminamos as produções, os

alunos/as se sentiram motivados por eles terem participado dessa pesquisa. Muito atenciosos e dedicados para que esse trabalho pudesse ser desenvolvido.

Os alunos/as contribuíram muito para que o produto educacional pudesse acontecer. Alguns com dificuldades conseguiram produzir textos riquíssimos de saberes indígenas, e também com muita dedicação e prestando atenção nas aulas anteriores puderam perceber as questões ambientais e refletir sobre a realidade em nosso Território quando dialogamos sobre os saberes tradicionais do povo. Os alunos/as contaram as histórias que são passadas a eles dos saberes tradicionais Terena. Muitas histórias de animais e a relação com a natureza. Entendo que a Educação Ambiental é também produzir reflexões com os estudantes sobre o contexto real e desenvolver o amor para com o território para que dele possa cuidar.

A quarta semana ficou para debatermos sobre os projetos sustentáveis para o território, o que dizem os estudantes, levantamos alguns questionamentos sobre o que poderíamos fazer para obter um projeto dentro da perspectiva da Educação Ambiental Terena que protegesse o nosso território, que protegesse os territórios indígenas. E nesta linha de pensamento, as crianças disseram e sugeriram possíveis projetos para a comunidade do nosso povo Terena.

O futuro projeto que possibilitará uma fonte de renda familiar do povo Terena, disseram os/as alunos/as, seria a implantação de açude de peixes visando o alimento e também a renda da família, segundo eles já tinham visto na televisão esse tipo de projeto. Eles gostaram por também ser um alimento apreciado pelo povo.

As propostas sugeridas pelos pais e alunos possuem um olhar significativo para a comunidade numa dimensão baseada na realidade do povo Terena, pois o açude aqui citado é a cosmovisão indígena que inclui o sustento onde tem a dinâmica de distrair brincando e tomando banho, é a visão ecológica indígena. Sabemos que a sociedade não indígena teria um olhar de espaço limitado, sem poder usufruir, para implantar um açude precisa de planejamento e regras específicas para o manuseio e não é adequado para banho. Na visão das crianças e pais é uma visão voltada a ecologia indígena e tem outra leitura de ser e viver, e é possível que sejam desta forma, somos da natureza e a natureza é livre.

Uma das outras sugestões que foram debatidas e comentadas em sala de aula foi um possível balneário natural que, para eles, iria valorizar mais o ambiente natural do povo. Sabendo eles que é maravilhoso estar no ambiente, deram ênfase ambiente natural que temos para o lazer da família que é a prainha, um local onde a comunidade e visitantes tem acesso.

Outra sugestão das crianças foi impedir o desmatamento causado pelos não indígenas e também alguns problemas em áreas indígenas. Plantar e cuidar das roças para poder continuar ter alimentos que são plantados na comunidade, mesmo que alguns sejam comprados na cidade.

Depois, também decidiram conhecer a opinião dos seus pais ou vizinhos próximos. Os alunos/as, por meio da pesquisa feita e sugestões dos pais propuseram trabalhar com projetos sustentáveis. As sugestões trazidas das famílias foram colocadas nos cartazes e apresentadas para sala.

Pensando nas propostas de aplicar práticas de etnosustentabilidade na comunidade indígena Terena, os alunos fizeram um levantamento com pesquisa sobre a opinião de seus pais, e as propostas sugeridas foram compartilhadas com os colegas. O principal objetivo foi sugerir alternativas para um futuro projeto de etnosustentabilidade para o povo Terena:

- Trabalho de reciclagem e reaproveitamento de materiais;
- Reflorestamento nas áreas que foram desmatadas, com mudas de castanhas, que futuramente servirão para o auto sustento da comunidade;
- Implantação do etnoturismo e do ecoturismo na aldeia, que possibilitarão uma renda econômica para a comunidade, tendo em vista que também proporcionam a vivência e o conhecimento da natureza e a proteção ao ambiente natural;
- Valorização da agricultura ancestral e sua comercialização.

As sugestões citadas acima são dos pais dos alunos, que também compartilharam o anseio de novos projetos que podem ser pensados e implantados na comunidade.

Atualmente, o povo passa por um novo momento, é fato que o povo Terena está no local onde não é a sua terra de origem, mas nem por isso devemos nos desprender da nossa tradição. O povo Terena é conhecido como povo agricultor e precisa valorizar a essência da prática de plantio e outras alternativas que podem fortalecer a cultura. Possuímos território suficiente para desenvolver agricultura e projeto que sejam voltados para as nossas realidades. Outro ponto a ser destacado é a valorização do nosso território, que por vezes foi submetido à exploração, acredito que todo o levantamento e sugestão partindo de pais, lideranças e alunos/as da nossa comunidade pode ser uma reflexão que auxilie em um novo recomeço, o recomeço e o fortalecimento ao Bem Viver.

A educação ambiental indígena popular nos possibilita pensar no coletivo e na comunidade, protegendo a cultura e valorizando o que é nosso, a prática da agricultura Terena é baseada na prática da ancestralidade, na cosmovisão indígena, no olhar ecológico, e não há visão do capitalismo. O capitalismo gera lucro, e seus pensamentos são enriquecer e as ideias dos capitalistas são acúmulo de bens, baseadas na ganância, riqueza e individualismo. O povo indígena Terena de Mato grosso, dentre de uma cosmovisão Terena, tem seu jeito próprio de pensar e valorizar a prática da agricultura tradicional. O povo Terena tem facilidade de se integrar na sociedade, pois é um povo resiliente; na perspectiva dessa integração, os espaços, a visibilidade e o reconhecimento dos alimentos tradicionais indígenas se fazem necessário para a valorizando e o fortalecimento da cultura e identidade do povo. O desenvolvimento da renda local é baseado no coletivo da associação que vem dando suporte e auxílio na preservação e no conhecimento tradicional, possibilitando renda e emprego na economia da aldeia, sem maior extensão de plantio. O necessário para pequenas plantações onde todos possam também se beneficiar com os alimentos gerados na aldeia. A comunidade indígena promove, dentro da demanda, a educação ambiental e a conscientização dos membros da aldeia a não explorarem de maneira exagerada. Neste sentido, é valido ressaltar que o cultivo dos alimentos tradicionais são essência da nossa cultura e da nossa identidade, os alimentos se conectam com as nossas raízes, estes alimentos não são apenas uma comida, são a nossa história que precisa ser valorizada. O alimento do povo Terena nos lembra da importância da terra, da comunidade e família desde a história de origem do povo Terena.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como foco a Educação Ambiental Popular Indígena Terena, saberes do meu povo e também as problemáticas ambientais que nossa comunidade vem enfrentando. Buscamos informar, dialogar e sensibilizar a comunidade. Vimos essa pesquisa como possibilidade de adentrar em assuntos bastante importantes para a comunidade no sentido de pensar as aproximações com a cultura, relacionando os saberes ambientais e a conservação do meio ambiente.

A Educação Popular Indígena Ambiental se faz presente no povo Terena, e é fundamental para preservar e conservar o fortalecimento cultural, fortalecer a nossa identidade cultural por sermos povo de resistência que estamos sempre em busca de nossos objetivos diante das nossas vivências, cultura e cosmovisão, bem como, atender a legislação brasileira. Procuramos estabelecer vínculos com as esferas governamentais para solucionar os problemas ambientais dentro do território, mas sem deixar de coordenar as ações a partir das decisões que o povo toma. O povo Terena está sempre aberto a integração de outros povos para fortalecer a união dos povos indígenas, somos um povo que fomenta o intercâmbio cultural e a interculturalidade.

Como Terena, temos um grande respeito pela valorização tradicional e estamos fortemente ligados a natureza, a educação holística e a interculturalidade, essas são características do povo Terena. Estamos abertos ao diálogo e reflexões acerca dos conflitos territoriais e ambientais, e estamos buscando com sensibilidade reverter a situação decorrente de impactos dentro das nossas comunidades.

Além dos povos indígenas terem um papel importantíssimo no que diz respeito a educação ambiental, também estão ligados diretamente com os saberes de seu povo. A população indígena faz parte da natureza, vive na natureza e preza todos os recursos naturais, a mãe natureza nos fornece os alimentos, a vida, os remédios, os artefatos e cada matéria-prima retirada da mata se transforma em artesanato de cada povo trazendo os significados de seus ancestrais, portanto, não podemos sobreviver sem ela, tudo se torna vida e da vida se tornam memórias.

Ao relatarmos a importância da educação ambiental, devemos salientar que esses saberes são encontrados em dois campos de conhecimento: na educação formal presente nas instituições escolares de ensino básico, universidades e cursos profissionalizante básicos

técnicos que envolvem a educação ambiental; e na educação informal presente nas populações, envolvendo diretamente os povos indígenas que também têm muito a contribuir com neste campo do conhecimento. Maccato reafirma:

A Educação Ambiental será considerada na concepção dos conteúdos curriculares de todos os níveis de ensino, sem constituir disciplina específica, implicando desenvolvimento de hábitos e atitudes sadias de conservação ambiental e respeito à natureza, a partir do cotidiano da vida, da escola e da sociedade. (2002, p. 33).

Para implementar a contribuição dos saberes Terena sobre a educação ambiental e levar a ação para a prática, a escola como instituição tem o dever de fazer uma reflexão junto com a comunidade, incluindo a todos para dialogar sobre a importância de nossos saberes culturais e ambientais, e sensibilizar a comunidade. É como diz Ferreira (2007), a educação ambiental envolve não apenas o indivíduo, mas, sobretudo, o coletivo de pessoas.

A comunidade indígena Terena vem se fortalecendo e se resignificando. É visto que a comunidade indígena valoriza os anciões, valorizar o ancião é valorizar a cultura, pois são enciclopédias vivas do conhecimento da cultura ancestral. Os anciões fizeram parte do desenvolvimento da pesquisa. Vale salientar que juntos, comunidade, professores, professoras, alunos e alunas dialogaram e promoveram uma reflexão sobre a importância da valorização da cultura, e ao valorizar a cultura, estão cuidando da natureza.

A população indígena tem mostrado que é possível conservar a biodiversidade e viver em harmonia com a natureza e o bem viver, respeitando nossas riquezas naturais, enquanto a população indígena existir é visível que a natureza estará de pé.

Também na escola mostrou-se fundamental dialogar e refletir sobre a segurança alimentar que está sendo direcionada para outros modos de produção e a exploração ilegal de madeira na comunidade Indígena Terena.

A pesquisa realizada, além de ser uma via de construção do conhecimento e informação sobre a educação ambiental indígena Terena, está voltada para as práticas pedagógicas juntos aos estudantes, e também pode se tornar base para o desenvolvimento de outras pesquisas e de reorganização de vivências dentro do nosso território.

Com a pesquisa identifiquei algumas práticas e saberes/ciência que são da educação ambiental própria do povo Terena; e elas têm como principal cuidado a proteção ao território. Fazem parte da educação Ambiental a luta contra a Projeto de Lei do marco temporal; a

continuidade do plantio de roças sem o uso de agrotóxicos, mantendo o plantio de mandioca e milho, dois alimentos tradicionais do meu povo; os saberes na extração do broto de Buriti, e o cuidado para que as palmeiras de Buriti não acabem e assim possamos continuar fazendo as nossas roupas tradicionais para a dança Terena.

O conhecimento da técnica da pesca e da caça, pois para realizar essas ações é preciso conhecer o território e saber onde pescar e onde caçar. Outro conhecimento é sobre as ervas medicinais no tratamento da saúde.

A comunidade pensa que esses conhecimentos devem ser mantidos, mas precisamos de projetos que nos ajudem na questão econômica, e a sugestão é cuidar do território e fazer o etnoturismo com cuidado e sem deixar o nosso Bem Viver.

A Educação Ambiental Terena está na escola com os conhecimentos do próprio povo, mas também refletindo sobre os impactos. Esse trabalho dentro da escola teve o objetivo de sensibilizar os/as alunos/as e a comunidade indígena sobre a importância da relação ser-humano/natureza, refletindo sobre os problemas ambientais enfrentados na comunidade.

A comunidade indígena Terena enfrenta seus desafios com resistência. Tenho convicção de que este trabalho pode, de certa forma, auxiliar a sociedade a promover alternativas para ajudar o planeta, que os governantes possam olhar minuciosamente aos povos indígenas com cautela, pois somos os verdadeiros guardiões da floresta, que a sociedade consiga promover projetos inovadores na perspectiva da sustentabilidade aos povos indígenas, são muitos os projetos, mas são poucos os que tem acesso. Nesta pesquisa também mostramos que podemos incorporar as práticas tradicionais no currículo escolar, a sociedade precisa obter estes conhecimentos dos povos tradicionais, precisamos de professores com formação em educação ambiental indígena para abordar essa temática tão importante para a sociedade e o mundo. É necessário desenvolver materiais educativos específicos de educação ambiental popular indígena.

O estudo demonstrou a importância da educação ambiental popular indígena dentro da perspectiva da sustentabilidade, considerando a nossa cosmovisão, costumes, tradições, conhecimentos e espiritualidade Terena. Destaca-se a necessidade de valorização do conhecimento tradicional, a importância da participação comunitária. Conclui-se que a educação ambiental popular indígena é fundamental para preservar a biodiversidade, estabelecer propostas de sustentabilidade, e fortalecer a identidade cultural do povo, pois o povo

Terena é um povo que se ressignifica a todo momento com sua força, coragem, persistência, resistência, sendo resiliente.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.
- AÇCOLINI, Grazieli. **Protestantismo à moda Terena**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.
- BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.
- BOAVENTURA, Jesus de Kárita et al. Agroecologia: Conceito, história e contemporaneidade. **V Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão da UEG.s/a**. Goiás, 2019. Disponível em: <https://www.anais.uerg.br>
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade, Lembranças de velhos. Da Universidade de São Paulo. Biblioteca de Letras e Ciências Humanas. Direção Alfredo Bosi. Série 1º - **Estudo Brasileiros, Volume 1**. Brasil. 1979.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério de educação e Cultura. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: A formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez. 2004.
- CRUZ, Dalmir Jorge da; CUSTÓDIO, Regiane Cristina. **A luta do povo Terena de Mato Grosso pela conquista da terra**: a história de um povo como conteúdo escolar In Revista de Comunicação Científica – RCC, maio/agosto, Vol.1, n. 8, pgs. 93-104, 2021. ISSN 2525-670X. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>
- FERREIRA, Jane Farias Chagas. **A educação escolar indígena e o desenvolvimento de talentos entre os Terena**: desafios e perspectivas. Revista Educação Especial, v. 34. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>.
- FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Saberes ambientais**: olhares, vivências e educação na comunidade do Garcês – Cáceres-MT. (Dissertação de Mestrado). Cuiabá: UFMT, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática docente. 63 ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretações das Culturas**. 1. Ed., 13 reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

ISA. Povos Indígenas no Brasil: **O que a teoria do Bem Viver dos povos Indígenas nos ensina.** – Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/> <https://minabemestar.uol.com.br/teoria-do-bem-viver-p>. Acesso em 08 de agosto de 2022.

JORNAL PORANTIN. Conselho Indigenista Missionário (CIMI): O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade. **Jornal Porantim**, 2015. Disponível em: <https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Terena. Povos indígenas no Brasil.** 2021. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena> Acesso em: 21 ago 2024.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: Conceitos e princípios.** Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Ed. Vozes. Petrópolis. 2007.

NORT, Albertina Eleane. **A cosmovisão indígena como elemento orientador da administração sustentável.** Natal. 2022.

PAREDES, Antonio Bento Pereira. **A educação ambiental em comunidade indígena Terena: a percepção de alunos e professores visando o desenvolvimento local da aldeia Lagoinha Distrito Taunay** – Aquidauana – MS.2008

PAULA, Eunice Dias De. **A interculturalidade no cotidiano de uma escola indígena.** 1999.

PEREIRA, Vilmar Alves. Educação ambiental popular na América Latina e Caribe e educação para o desenvolvimento sustentável: incongruência e desafios. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente** – FAEMA. 2022.

PEREIRA, Rosenildo. **A luta do povo Terena por cão e giz:** a importância da implantação da escola Elio Turi Rondon para o povo Terena de Mato Grosso. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena) Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2016.

REGINALDO, Sara. **Aspectos da cultura material e imaterial do Povo Terena da Aldeia Kopenoty.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena) Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2016.

RONDON, Micael Turi. **A prática docente no contexto educacional Terena em diálogo com Paulo Freire.** SEMIEDU, GT 4 – Povos indígenas, 2021.

SHOFFSTALL, Veronica. **O Menestrel.** 1971. [s.l.]. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/veronica_shoffstall/ de

ZOIA, Alceu. PERIPOLLI, Odimar J. Infância Indígena e Outras Infâncias. **Espaço Ameríndio.** Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 9-24, jul./dez. 2010.



PRINCÍPIOS PARA EDUCAÇÃO INDÍGENA AMBIENTAL



Produto Educacional
Misma Turi Rondon Mamedes
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (Orientadora)
PPGECII/UNEMAT

Apresentação

O produto educacional foi organizado neste livreto que tem a finalidade de orientar os/as professores/as e alunos/as nos diálogos referentes a educação ambiental indígena popular.

O material foi elaborado a partir da realidade dos alunos/as e construído através de seus olhares reflexivos sobre nossa cultura, mas também sobre os problemas e acontecimentos em nosso território. Portanto, os aspectos aqui trabalhados são conhecimentos da cultura associados aos saberes ambientais trabalhados no contexto escolar.

O assunto educação ambiental é pouco abordado na escola, mas entendo que deva ser estudado junto às crianças, pois o mundo tem sofrido com problemas de destruição ao planeta. Como docente vivenciando a cultura e os impactos ambientais na aldeia, percebi que posso contribuir com o meu povo trabalhando na escola com as gerações mais novas.

A prática educativa foi construída a partir da pesquisa de mestrado no PPGEII. Este livreto visa

estabelecer um vínculo entre teoria e prática dos saberes ambientais indígena Terena, e se apresenta como possibilidade para contribuir e estimular estratégias didáticas em todos os campos. O material está organizado em três partes, conforme foi trabalhado no decorrer da pesquisa.

A Parte I – Os saberes e conhecimentos do território pelo povo Terena; Parte II – Impactos ambientais dentro do Território, e Parte III – Pensando os projetos sustentáveis para o território. Participaram deste trabalho os anciãos: Brasiliana Clementino, Antônio Jorge e Maída Reginaldo. Também participaram os estudantes: Eliseu Gomes Delfino, Indianara Rondon Mamedes, Bekwyirã Mekragnotire, Nhakanoro kayapo Metyktire, Alice Reginaldo Rondon, Maria Eduarda Pereira Rondon, Paripori Panará, Gabrielly Reginaldo Rondon, Baripo Panará e Silviane Colman.

Desejamos que esse material seja lugar de reflexão presente e futura para o povo Terena.

SUMÁRIO

OS SABERES E CONHECIMENTOS DO TERRITÓRIO PELO POVO TERENA	4
1. As anciãs Terena e o saber do chimarrão... ..	5
2. A roça na cultura Terena	7
3. As riquezas do T.I. Iriri Novo.....	10
3.1 A abelha e o mel.....	10
3.2 Plantas importantes na cultura terena.....	12
3.3 Os sinais	16
3.4 Animais de caça	20
Impactos ambientais dentro do Território	27
4. Impactos ambientais, algumas preocupações	29
PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR INDÍGENA NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER E DA SUSTENTABILIDADE.....	35
5. Projetos de cuidado com o território: Educação Indígena e Educação ambiental Terena.....	36
5.1 Manter os saberes da ancestralidade	36
5.2 Construir formas de sobrevivência.....	37

PARTE I

**OS SABERES E CONHECIMENTOS DO
TERRITÓRIO PELO POVO TERENA**



São vários os saberes Terena, e muitos deles vem de gerações passadas, na aprendizagem com os anciãos e as anciãs.

1. As anciãs Terena e o saber do chimarrão...



Na nossa aldeia, as anciãs têm o hábito de tomar chimarrão, elas acordam bem cedinho todo dia, acendem o fogão de lenha e colocam a água para ferver. No chimarrão vão folhas de remédio que o povo conhece. As anciãs falam que é bom para evitar doença. E quando estão

tomando seu chimarrão, elas aproveitam para conversar um pouco.

Faz parte da Educação Ambiental Terena conhecer as ervas medicinais e dela fazerem uso. Precisamos que as plantas da nossa medicina sejam cuidadas e conhecidas pelo nosso povo.

2. A roça na cultura Terena

Dentre muitos conhecimentos do povo Terena, existe a roça que é um conhecimento milenar.

A roça é um dos costumes do povo Terena desde muito tempo, o povo gosta de plantar, cada morador tem sua roça no seu terreiro ou em um lugar longe de casa. A prática da roça é feita principalmente pelos os homens que plantam, mas a família também pode ajudar na roça.



O povo Terena tem sempre uma roça no seu terreiro. Quando o mato cresce é o momento da limpeza, e se não são limpos, os insetos e outros animaizinhos chegam até a nossa casa, e é muito perigoso por causa das cobras e lacraias que são venenosas.

Cuidar da roça e plantar os próprios alimentos é uma atitude que pode ajudar para obter menos produtos industrializados, ou aqueles que vêm de plantios com



agrotóxicos. A roça é uma ação de cuidado com a saúde.

Os alimentos plantados na aldeia são importantes para o consumo e há alguns produtos que são fonte de renda econômica para a família

Cada alimento tem o tempo certo de plantar, depende da chuva e lua, conhecimento e sabedoria do povo.

A roça exige muito cuidado, além de servir como nosso alimento, precisa ter seus cuidados tanto na limpeza e com os animais, pois quando descobrem a roça, os porcos e antas acabam com as plantações.

Essa ação tem aumentado por conta dos problemas de desmatamento e queimadas, os incêndios florestais que causam grandes prejuízos, matando animais e plantas. Os seres que vivem na mata e aqueles que fogem desse tipo de morte procuram outros lugares onde possam se alimentar. Quando fazemos a roça, contribuímos com o equilíbrio do planeta.

3. As riquezas do T.I. Iriri Novo



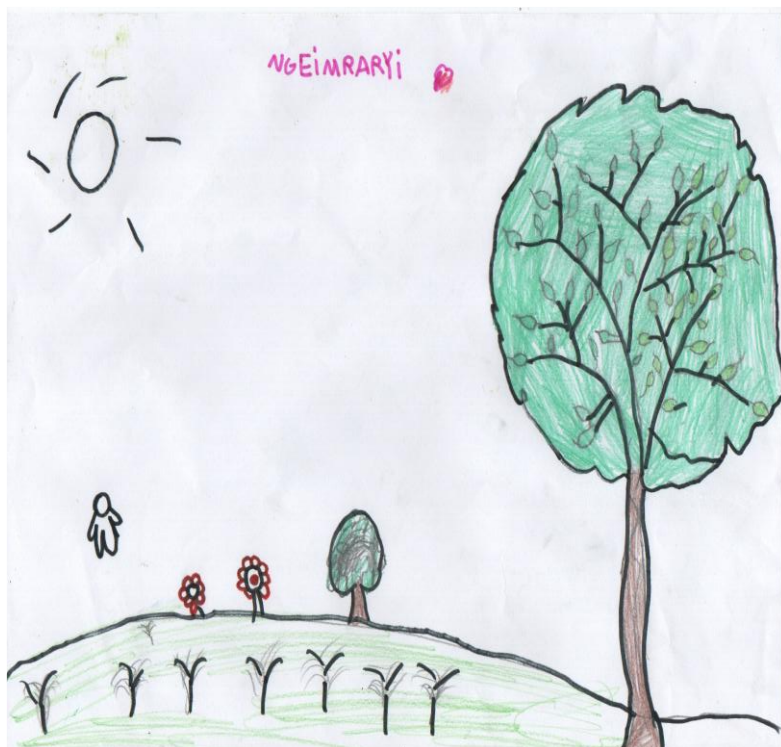
3.1 A abelha e o mel...

As abelhas também vivem na mata e elas compartilham o seu mel, mas se desmatada, ou acontecem queimadas, muitas colônias de abelhas morrem e não poderemos ter o mel.

As abelhas são muito importantes para a natureza, além de produzir mel, seu processo de polinização gera outras plantinhas. Na nossa aldeia, o mel é usado como medicamento, o povo Terena usa para gripe, tosse, serve para passar na boca da criança quando ela pega sapinho e o mel é consumido com farinha, ficando um alimento bem saboroso.

Na natureza, encontramos tudo o que precisamos, assim como tem as abelhas, tem também o jenipapo, uma árvore que dá frutos redondos e que quando verde é bastante usado por nós.

3.2 Plantas importantes na cultura terena



O **jenipapo** é uma planta que os Terena usam sua fruta para fazer tinta, além do seu fruto ser comestível, usamos a sua cor preta para fazer as pinturas corporais do povo. Quando é momento de reivindicações e celebrações culturais, utilizamos a pintura do jenipapo.



A palmeira **buriti** é uma planta muito difícil de ser encontrada na nossa aldeia. De onde viemos, existia em abundância. O seu broto serve para confeccionar artesanatos e a saia masculina do povo Terena, que são usados nas festas tradicionais.

Para confeccionar a saia masculina é preciso se deslocar da aldeia para buscar o buriti, pois encontrado somente é nas fazendas vizinhas. Para extrair o broto é

preciso muito cuidado, pois o pé não pode ser cortado, apenas o seu broto, onde nascerá novamente seu broto.



O Urucum é uma planta não muito grande e as frutas servem como pintura corporal na cultura Terena. A fruta de urucum é importante, ela tem primeiro uma cor verde, depois fica amarronzada com muitas sementes dentro, e é das sementes que tiramos a tinta de cor vermelha. A cor tem um significado muito forte, pois trás lembranças do sangue dos guerreiros de nossos

ancestrais. Em memória aos nosso antigos, seguimos com as lembranças em celebração da força e da resistência Terena.

Também encontramos na mata as aves, como as araras, periquitos, tucanos, e muitas outras. Elas também ajudam na distribuição de sementes, esparramando-as pelo território, pela mata. Das aves tiramos as penas para fazer o cocar.

O cocar para o povo Terena tem um significado muito importante, pois o cocar representa a força, resistência, mostra a identidade e traz histórias do povo.



Antigamente, o cocar era feito de pena de ema, um animal sagrado para o povo.

Aqui na nossa região, na TI Iriri Novo, não tem ema, pois a ema gosta de campos abertos como cerrado, e onde moramos faz parte da floresta Amazônica. Por esse motivo, atualmente, os Terena começaram a confeccionar e usar o cocar de pena de arara. O cocar que antigamente era usado pelos guerreiros, hoje pode ser usado por todos da aldeia.

3.3 Os sinais

Os nossos saberes, nossa cosmovisão, o jeito que vivemos e conhecemos o mundo é de um Bem Viver, na educação Ambiental Terena, que é a nossa educação Terena mesmo.

Assim, alguns animais trazem sinais para o povo Terena. Um deles é o **tamanduá**, ele é um mamífero que gosta de comer formigas e cupim. Na cultura Terena, ele é sinal de mau agouro, quando as pessoas veem, ou esse

animal passa na sua frente, algo de ruim vai ou pode acontecer.



Se está indo para algum lugar e vê o tamanduá, a melhor opção é voltar, pois ele avisa que algo irá acontecer.

É preciso prestar atenção aos sinais que os animais vão nos dando para evitar que coisas ruins possam acontecer.



A **coruja** é uma ave que gosta muito da noite. Ela é uma ave que na tradição Terena tem seus mistérios, ela traz agouro, quando ela entra na casa ou se senta em cima da casa, não é um sinal bom, ela tem seus encantos, avisa que algo muito ruim vai acontecer.



Na sabedoria indígena Terena, alguns animais podem ser bons, outros não. A **sucuri** tem seus mistérios, não pode pescar sozinho em rios e nem em córregos. É muito perigoso, se tiver sucuri na água, os mais velhos dizem que ela hipnotiza as pessoas para poder atacar. A sucuri deixa as pessoas sonolentas e sem reação, ficando fácil para a sucuri atacar, por isso que os mais velhos não deixam as pessoas pescarem sozinhas.

3.4 Animais de caça

Na nossa aldeia tem muitos animais, o Terena se alimenta de alguns animais, como porco do mato, mutum, anta e muitos outros. O alimento mais apreciado pelo povo é a paca.

Quando os homens trazem a caça, quem prepara mais o alimento são as mulheres anciãs, pois elas sabem o segredo da preparação do alimento.



No território Terena Indígena Iriri Novo, há muitos animais, os animais são muito importantes para o povo e para natureza. Na mata tem animais de várias espécies e tamanhos diferentes, uns pequenos e outros grandes.

A onça é um animal perigoso para o povo Terena, mais o seu dente é usado para fazer colares.



No nosso território tem muitas onças pardas, pintadas e pretas, elas andam de um lugar para o outro, gostam de se alimentar de animais, pois são carnívoras. Por isso, não podemos andar sozinhos, nem caçar e nem pescar sem companhia. Neste ano, a onça pegou alguns cachorrinhos da aldeia, os moradores fizeram até armadilha para tentar pegá-la, mas não conseguiram e

acabaram desistindo de capturar a onça. Talvez ela estivesse com fome e não tinha o que comer, acabou levando a maioria dos cachorrinhos da aldeia.

Os moradores foram alertados para tomar cuidado ao sair de casa e as crianças estavam proibidas de andar até tarde na aldeia.

Existe a onça que é um animal grande e que também é perigosa. Mas temos muitos outros animais, como aqueles que são aves e embelezam a mata.



Pela manhã e à tarde, vimos as araras voando sempre em pares pelo céu e se alimentando de coquinhos. Elas estão na natureza e servem como dispersoras de sementes, pois assim reflorestam naturalmente a mata, também as suas penas são usadas nas artes do povo Terena.

As suas penas são utilizadas para fazer artesanato como cocares e brincos. As araras são muito importantes para a natureza e para os Terena.

A **anta** é uma animal bem grande...



Esse animal é considerado jardineiro da floresta, pois elas comem as frutas e dispersam as sementes através das fezes, assim, geram nova plantinhas.

Antigamente era consumida como alimento. Hoje, na nossa aldeia, poucos consomem a carne de anta devido ao acesso com facilidade aos mercados da cidade. Os mais velhos dizem que ela serve como medicamento tradicional que somente velhos curandeiros têm conhecimento.

Não podemos nos esquecer que a natureza é a nossa mãe, que tudo que nela existe deve ser cuidado porque o mal que se faz à natureza é um mal que fazemos a nós mesmos. A natureza é tudo que envolve vida e também outros seres que ajudam com que exista a vida.



A natureza se refere aquilo que é natural, como mares, rios, árvores, animais e tudo que está presente no meio ambiente. E os povos indígenas têm uma relação muito forte com a natureza, pois é considerada sagrada.

Dentro dessa natureza, existe a flora que é o conjunto de plantas de uma região. A flora é fundamental para o equilíbrio do meio ambiente. Na nossa floresta, há riquezas que nos fornecem a matéria-prima para produção de itens essenciais para nossa vida.



Ainda há, na natureza, muitas espécies de animais, e esses animais, essa mata, essa flora e essa fauna são cuidados por seus donos, e é por isso que adentrar na mata tem que ser com precaução e também respeito, pois a natureza sente tudo que fazemos com ela.

Cada povo indígena vive em meio a uma natureza, em meio a um bioma, são conjuntos de vida vegetal e animal e fazemos parte dele como todos os outros seres vivos e não vivos que estão nesse lugar.

Os biomas brasileiros são: cerrado, caatinga, mata atlântica, monitoramento ambiental, pantanal, pampa e Amazônia. O bioma do território Indígena Iriri Novo é o bioma Amazônia. Um lugar muito bonito, tem seu tempo de chuva e tempo da seca.



Resistência

Parte II

Impactos ambientais dentro do Território



Não podemos destruir a natureza...

28



4. Impactos ambientais, algumas preocupações

Existem impactos em nosso território, mas é preciso explicar que algumas ações fazem parte da cultura e são cuidadas para que não se agravem. As queimadas para fazer a roça não são um incêndio!



Queimadas acontecem todo ano, quando a comunidade faz roça, precisa preparar o espaço para poder plantar, uma prática feita para plantar os alimentos. Tem

todo o preparo para acontecer a queimada, é feita de maneira consciente pois é perigoso o fogo se alastrar. É preciso saber a época certa e a direção do vento. Por isso, tem que ter muito cuidado. Quando não tem cuidado, o fogo acaba se espalhando e destruindo a florestas, e trazendo graves consequências para a vida das pessoas.

Mesmo que os Terena têm tido cuidado com o preparo da roça, sabemos que a fumaça também não é boa para a saúde, por isso ela ao mesmo tempo que é um grande conhecimento, também altera o ambiente e causa um pequeno impacto.

Na nossa aldeia outra ação que causa impacto na natureza é a criação de gado.



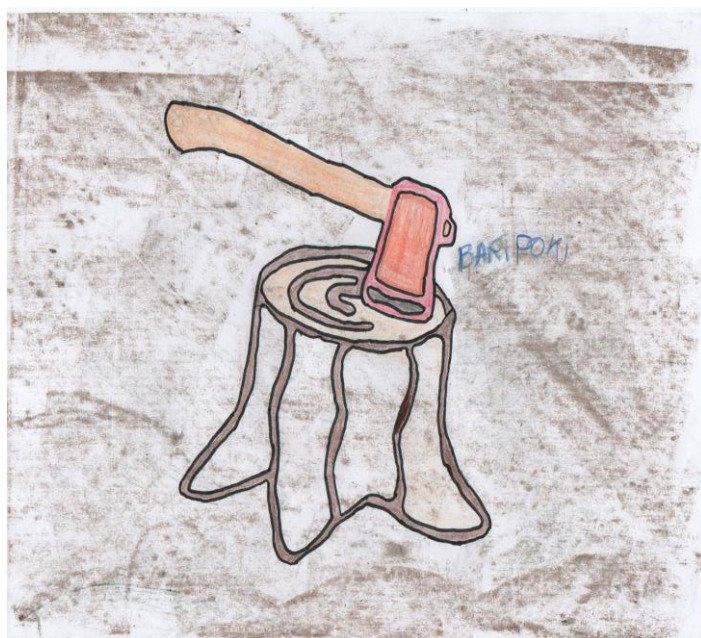
Na aldeia Terena tem criação de gado, além de servir como alimento para as famílias, gera renda econômica. A comunidade tem arrendamento, sabemos que o gado afeta o meio ambiente, causando impactos, desmatamento e poluição por metano. O gado é bom para o alimento, gera renda, mas ele é um poluente que prejudica o ambiente.

O nosso Território Terena Gleba Indígena Iriri Novo fica próximo às fazendas de soja, e quando o avião



passa o agrotóxico nas plantações, afeta diretamente a nossa comunidade, na aldeia sentimos o odor do veneno. A comunidade fica muito preocupada, o veneno pode prejudicar os rios, as árvores, os animais e a nossa vida.

Também tem o desmatamento que é uma ação do ser humano que afeta todo nosso ambiente natural e cultural.



O povo Terena precisa de árvores para fazer suas casas, matérias-primas para fazer seus artesanatos e são extraídas conforme a necessidade do povo, tudo é feito de forma consciente, buscando não prejudicar a natureza.

Ficamos tristes ao ver um desmatamento desenfreado, precisamos ter sensibilidade, pois todos nós precisamos da natureza e a natureza precisa de nós, ela é a nossa sobrevivência.

Um dos maiores problemas vivenciado no território é a extração de madeira escoada para as cidades.



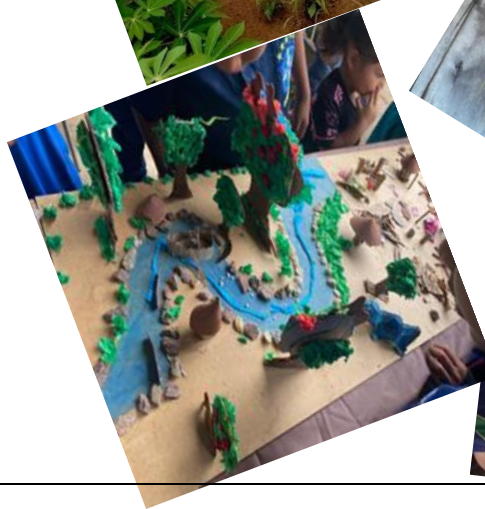
A exploração de madeira causa grandes problemas para o povo indígena, e também não indígenas. Além de



prejudicar a natureza, afeta a vida, a cultura, a vida dos seres da natureza e gera graves consequências à comunidade. As árvores são muito importantes para nós, se derrubarem todas as árvores não vamos ter floresta, rios e animais, todos irão desaparecer. Cortar árvores em terras indígenas e vender é crime!

PARTE III

**PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR
INDÍGENA NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER
E DA SUSTENTABILIDADE**



5. Projetos de cuidado com o território: Educação Indígena e Educação ambiental Terena

A primeira ação de um projeto de educação Ambiental Terena é cuidar do território porque ele é um bem que produz o nosso Bem Viver. Sem território não podemos desenvolver ações da nossa cultura e a sobrevivência será mais difícil.

Por meio de sugestões de pais e alunos, e comprometido com as necessidades da comunidade indígena Terena, na intenção de ajudar a comunidade a refletir sobre este novo momento, foi proposto pensar em um projeto de etnosustentabilidade.

5.1 Manter os saberes da ancestralidade

É projeto de etnosustentabilidade usar a nossa ciência, os nossos conhecimentos e mantê-los vivos.

Que toda criança aprenda a conhecer o território, a identificar onde estão as águas, o rio Iriri, que saibam onde

estão os buritis e aprendam a tecnologia de fazer a saia para os rituais.

Que tenham conhecimento de como coletar e plantar as sementes; que saibam fazer a roça, mesmo que ela se transforme.

Que conheçam as nossas histórias sobre ficar às margens da estrada e morar em território de outro povo. É preciso conhecer e lutar para manter o território e dele cuidar.

Manter os saberes ancestrais do uso do urucum e do jenipapo para as nossas pinturas.

5.2 Construir formas de sobrevivência

Atualmente, a realidade da aldeia não é mais a mesma de antigamente, muitas coisas mudaram e mesmo tendo roça, plantações, gado, muitas coisas vêm da cidade e assim temos produção de lixo. É preciso pensar em reaproveitamento de materiais recicláveis e formas de melhorar o saneamento básico na aldeia.

Infelizmente, temos áreas desmatadas dentro do território e é necessário e urgente o reflorestamento de áreas desmatadas.

Como forma de sobrevivência, a proposta é pensar no enoturismo ou ecoturismo na aldeia, como uma maneira de as pessoas conhecerem os Terena, seu modo de vida e suas práticas culturais, a dança, o chimarrão.

É preciso que haja continuação das práticas da agricultura e a sua valorização, tendo como renda a comercialização. Alternativas ao futuro, sem prejudicar o nosso meio natural, que servirão para as gerações atuais sem comprometerem as gerações futuras, garantindo ao mesmo tempo o crescimento econômico, respeitando o meio ambiente, valorizando os conhecimentos tradicionais e fortalecendo a cultura Terena.